



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPPG)**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIAS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - IEDS**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS**  
**SUSTENTÁVEIS (MASTS)**

**JANAINA DE SOUZA FERNANDES**

**“NÃO SOU ROMANCISTA, SOU CONTADORA DE HISTÓRIAS” PAULINA**  
**CHIZIANE: LITERATURA DE RESISTÊNCIA**

**REDENÇÃO - CE**  
**2022**

**JANAINA DE SOUZA FERNANDES**

**“NÃO SOU ROMANCISTA, SOU CONTADORA DE HISTÓRIAS” PAULINA  
CHIZIANE: LITERATURA DE RESISTÊNCIA**

Dissertação submetida ao Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts) como requisito para obtenção do título de mestra da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Área de concentração: Interdisciplinar.

Orientador: Prof.º Dr. Luís Tomás Domingos.

**REDENÇÃO-CE  
2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Fernandes, Janaina de Souza.

F398n

"Não sou romancista, sou contadora de histórias" Paulina Chiziane: literatura de resistência / Janaina de Souza Fernandes. Redenção, 2022.

60f: il.

Dissertação - Curso de Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022. Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

1. Chiziane, Paulina, 1955. 2. Oralidade. 3. Resistência. 4. Literatura moçambicana. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 808.068543

---

**JANAINA DE SOUZA FERNANDES**

**“NÃO SOU ROMANCISTA, SOU CONTADORA DE HISTÓRIAS” PAULINA  
CHIZIANE: LITERATURA DE RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira do Ceará (Unilab), para obtenção do título de mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis. Área de concentração: Interdisciplinar.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof.º Dr. LUÍS TOMÁS DOMINGOS  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

---

Prof.ª Dr.ª MARIA DO SOCORRO MOURA RUFINO  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

---

Prof. Dr. CARLOS SUBUHANA  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

---

Prof.ª Dr.ª ANDREA CRISTINA MURARO  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

---

Prof.ª Dr.ª TANIA MARIA DE ARAUJO LIMA  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

À minha avó materna, Adalgisa (*in memoriam*),  
que sempre está ao meu lado em todos os  
momentos da minha vida.

Ao meu marido, João Mendonça, meu grande  
companheiro e incentivador, que segurou forte  
a minha mão durante esta travessia.

Aos meus filhos, Vinicius, Eduardo e Maria  
Luisa, que são capazes de me transformar em  
uma pessoa melhor a cada dia.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu infinito amor, por permitir conhecer pessoas que me ensinaram coisas maravilhosas e pela inspiração concedida para construir este estudo.

Aos meu pais, que me ensinaram a respeitar a todos e ter responsabilidade sobre os meus atos; em especial, agradeço à minha mãe, Noelia, que contribuiu com muito amor, incentivo e apoio desde a minha graduação.

Aos meus irmãos, que estão sempre ao meu lado e, por muitas vezes, veem uma grandeza em mim que eu mesma não consigo perceber; em especial, agradeço à minha irmã Chistiany e ao meu irmão Pablo César, que me enchem de alegrias sempre que nos encontramos.

Ao meu orientador, Prof.º Dr. Luís Tomás Domingos, pela orientação segura e sensível; que conduziu-me pela mão e esteve sempre ao meu lado durante esta jornada.

À coordenação e ao corpo docente da PROPPG, pelo respeito e pela consideração que sempre me trataram.

Ao grupo de estudo Sankofa, que ofereceu a oportunidade de desenvolver meu sentido intelectual, acadêmico, social e pessoal.

Aos meus amigos do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis - MASTS, pelo companheirismo e pelas confraternizações, que tivemos a oportunidade de fazer no primeiro semestre de estudos, sempre regadas com muita comida e boas risadas.

Aos meus amigos pessoais e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

*Tenta!*  
*Não é possível percorrer o perímetro do mundo, mas tenta!*  
*Não é possível comer todos os frutos do planeta, mas tenta!*  
*Não é possível beijar todas as mulheres, mas tenta!*  
*Tenta segurar moedas na mão fechada por uma hora, consegues?*  
*Tenta abraçar a pessoa amada por uma simples hora, consegues?*  
*Tenta guardar o terreno do teu quintal numa gaveta, consegues?*  
*Ou tenta colocar a lua no bolso para que ninguém mais veja*  
*Coloca o rio dentro de casa para que ninguém mais beba*  
*Segura o vento com as mãos ou tapa o sol com a peneira*  
*Não consegues?*  
*Então, o mundo nunca pode ser teu!*  
(CHIZIANE, 2018)

## RESUMO

A escrita desta pesquisa visa entender a resistência da autora Paulina Chiziane em ser considerada romancista. Com abordagem qualitativa, este estudo se justifica pelo desejo de aprofundar os conhecimentos acerca da literatura de Paulina Chiziane, como meio de desconstrução de um pensamento eurocêntrico, com o intuito de se desprender de conhecimentos cristalizados e de conhecer novas epistemologias que trazem uma perspectiva vista por novos olhares. Portanto, o referencial teórico utilizado foi: *A tradição viva*, de A. Hampatê Bâ (2010); *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*, de Francisco Noa (2015); *Teoria do romance III*, de Mikhail Bakhtin – Tradução de Paulo Bezerra - (2015-2019); *Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Filding* - Tradução de Hildegard Feist - (2010), de Ian Watt; *Discurso sobre o Colonialismo*, de Aimé Césaire (1978); as três primeiras obras de Paulina Chiziane: *Balada de Amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1999) e *O Sétimo Juramento* (2000). A coleta de dados foi realizada a partir da pesquisa bibliográfica de autores que dialogam a respeito do conceito de romance; a decolonização do pensamento e do discurso de Chiziane em entrevistas concedidas em livros e para canais das mídias digitais. Desse modo, concluiu-se que Paulina Chiziane não quer se enquadrar nos conceitos ocidentais, pois as suas histórias contadas trazem a marca da liberdade que a autora possui e da resistência ao período colonial vivido em seu país.

**Palavras-chave:** Chiziane; Gênero romance; Oralidade; Resistência



## ABSTRACT

The following written production is a research to comprehend Paulina Chiziane resistance to being considered a novelist. This qualitative research is justified by the desire to increase knowledge about Paulina Chiziane's literature, as a means of deconstructing an Eurocentric thought, in order to detach from crystalized knowledge and to know new epistemologies that bring a vision from a new perspective. Therefore, the theoretical framework used was: *The Living Tradition* by A. Hampatê Bâ (2010); *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária* by Francisco Noa (2015) and *Oralidades e Escritas* by Ana Mafalda Leite (1998); *Theory of the Novel III: The Novel as a Literary Genre* by Mikhail Bakhtin – translated to portuguese by Paulo Bezerra - (2015-2019) and *The rise of the novel: Studies in Defoe, Richardson and Fielding* by Ian Watt translated to portuguese by Hildegard Feist- (2010) *Discourse on Colonialism* by Aimé Césaire translated to portuguese by Noemia de Sousa (1978); The first three works by Paulina Chiziane: *Balada de Amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1999) and *O Sétimo Juramento* (2000). Data collection was carried out from the bibliographical research of authors who dialogue about the concept of novel; decolonization of thought, ecology of knowledge and knowledge in Africa; In addition, from Chiziane speeches given in book interviews and digital media channels. Thereby, results show Paulina Chiziane rejects to fit in western concepts as a result of her stories filled with freedom of speech and resistance to the colonial period experienced in her country.

**Key-words:** Chiziane; Novel genre; Orality; Resistance.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.1</b>	<b>Motivações e interesses para a pesquisa</b> .....	14
<b>1.2</b>	<b>O Programa de Mestrado Masts</b> .....	17
<b>2</b>	<b>ORALIDADE E ESCRITA NA LITERATURA E EM MOÇAMBIQUE</b> .....	19
<b>2.1</b>	<b>Os modos de pensar a oralidade</b> .....	19
<b>2.2</b>	<b>Oralidade em Moçambique</b> .....	23
<b>2.3</b>	<b>Literatura em Moçambique</b> .....	27
<b>3</b>	<b>O GÊNERO ROMANCE E A SUA LIGAÇÃO COM A COLONIZAÇÃO</b> .....	32
<b>3.1</b>	<b>O gênero romance e a sua ascensão</b> .....	32
<b>3.2</b>	<b>O romance e o pensamento colonial</b> .....	35
<b>3.3</b>	<b>O romance e o capitalismo</b> .....	38
<b>4</b>	<b>PAULINA CHIZIANE E SUA OBRA</b> .....	42
<b>4.1</b>	<b>Quem é Paulina Chiziane</b> .....	42
<b>4.2</b>	<b>As três primeiras obras publicadas de Paulina Chiziane</b> .....	46
4.2.1	Balada de amor ao vento .....	46
4.2.2	Ventos do apocalipse .....	48
4.2.3	O Sétimo juramento.....	49
<b>4.3</b>	<b>Entrevistas com Paulina Chiziane</b> .....	51
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma manifestação do ser humano, que expressa seus sentimentos, suas sensações, suas percepções e seus conhecimentos a partir de um ponto de vista. Ela traz a representação da linguagem, da comunicação e da criatividade do homem. Muitas definições existem para o termo literatura e, nas múltiplas definições, o homem é o sujeito participante dotado de linguagem e comunicação.

Visto como um meio sistemático para expressar ideias e sentimentos, a linguagem é um código comum entre o locutor e o interlocutor, e é ainda uma forma de refletir o mundo e o pensamento. É através da linguagem que as gerações deixam seus registros para os que hão de vir. Um dentre tantos meios de perdurar essa comunicação é através da literatura; esta, por sua vez, é carregada da capacidade de registrar a tradição e a cultura de um povo.

Percorrendo o caminho que a literatura perpassa, é importante perceber que sempre é possível classificar, definir ou enquadrar os conhecimentos produzidos. Isso não ocorre somente na literatura, mas também nas diversas áreas do saber. Não obstante, a partir do enquadramento de produções literárias contemporâneas, é possível deparar-se com uma autora moçambicana que recebe o título de romancista pelo mundo ocidental, mas que apresenta, em suas entrevistas e nos seus próprios livros, a não aceitação do título.

Paulina Chiziane tem vários livros publicados e que serão apresentados ao longo desta pesquisa. A primeira produção de Chiziane lhe rendeu o título de primeira mulher moçambicana a publicar um romance; a obra se chama: *Balada de amor ao vento*. Os dois títulos publicados em sequência, *Ventos do apocalipse* e *O Sétimo juramento*, inclusive foram considerados romances. No entanto, em várias entrevistas concedidas e nos próprios livros publicados, a autora deixa claro que é contadora de histórias e não romancista.

Ao observar essa resistência, é possível ver que não é apenas o título que a incomoda, pois a autora apresenta, como pano de fundo para as suas narrativas, o cenário do período colonial, das guerras em seu país, e as marcas deixadas pela colonização.

É, justamente, a partir da negação do título de romancista e do contexto histórico vivido por Moçambique, percebido na leitura das obras de Chiziane, que esse estudo remete à seguinte pergunta: por que a autora Paulina Chiziane não quer ser considerada romancista e sim uma contadora de histórias?

Interligado com a pergunta acima formulada, destaca-se o seguinte objetivo geral: entender a resistência da autora Paulina Chiziane em ser considerada romancista. Pretende-se, ainda, compreender o papel da oralidade e da escrita no universo da literatura de Moçambique;

analisar os conceitos do gênero romance; assimilar a ligação do gênero romance com o sistema colonial e com o capitalismo; concernir à luta contra o pensamento colonial; entender as consequências da colonização para o ser humano; analisar as três primeiras obras de Paulina Chiziane quanto ao pensamento colonial; pesquisar entrevistas concedidas pela autora para justificar o seu discurso.

Mediante a este caminho traçado, a relevância desta pesquisa se dá a fim de somar nas discussões no que se refere à valorização da cultura africana, na compreensão da literatura de Paulina Chiziane, com um arcabouço teórico que conduz à compreensão de demandas da atualidade como, por exemplo, o pensamento decolonial<sup>1</sup>, o preconceito racial e a desvalorização dos saberes tradicionais.

Desse modo, justifica-se este estudo pelo desejo de aprofundar os conhecimentos acerca da literatura de Paulina Chiziane, como meio de desconstrução de um pensamento eurocêntrico, com o intuito de se desprender de conhecimentos cristalizados e de conhecer novas epistemologias que trazem uma perspectiva vista por novos olhares.

A pergunta de partida deste estudo é: por que a autora Paulina Chiziane não quer ser considerada romancista e sim uma contadora de histórias? É desse ponto de partida que se buscou a metodologia que pode ser melhor aproveitada para fazer a análise de algumas narrativas que dizem respeito ao assunto abordado.

As formas e os meios de desenvolver pesquisas são muitos; para Minayo (1994, p. 11), “[...] a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer; ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização”. Tendo em conta o caráter investigativo desta pesquisa, a abordagem qualitativa foi utilizada, pois, busca-se compreender o fenômeno da colonização e suas marcas percebidas através do discurso da autora Paulina Chiziane. Dito isto, a pesquisa qualitativa:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

---

<sup>1</sup> O pensamento decolonial parte de um novo conhecimento epistêmico que articula a discussão da negação da trajetória colonial sobre os vários povos colonizados. É um termo utilizado pelo grupo latino-americano Modernidade e Colonialidade que, desde o final dos anos de 1990, vem estudando, problematizando e discutindo o legado da colonização entre os povos colonizados e que ainda lutam contra o pensamento de inferioridade ou dependência da Europa. (BALLESTRIN, 2013).

Este estudo é essencialmente bibliográfico, realizado através de consulta bibliográfica inerente ao tema abordado, e por meio da investigação científica de obras já publicadas. Assim, a pesquisa bibliográfica se dá:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

A técnica de análise utilizada foi a análise crítica do discurso, visto que essa tática observa o papel do sujeito no seu contexto social e cultural, o sujeito que fala no mundo. Não é uma análise sintática, mas a análise do que se fala a partir de uma articulação entre o processo linguístico e a ideologia do processo discursivo. Isabel Magalhães (2005, p. 3) cita que:

A ADC oferece uma valiosa contribuição de lingüistas para o debate de questões ligadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo, ao controle e a manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, à auto-identidade e à identidade de gênero, à exclusão social.

Com o apoio em princípios teórico-metodológicos na análise do discurso, o texto busca uma reconstrução histórica do sujeito, juntamente com a reflexão das histórias narradas. Desta forma, o discurso passa a ser um objeto de estudo. Esse procedimento será utilizado na pesquisa porque a análise do discurso é uma linha de estudo da linguística, que visa estudar o discurso dando evidência à relação: língua, discurso e ideologia. Portanto, pode-se observar uma relação direta entre o discurso e a ideologia, e, na cultura africana não poderia ser visto de forma diferente, uma vez que a oralidade é um elemento essencial para os discursos. Hampaté Bâ (2010) comunica que a fala é a materialização das vibrações das forças.

Entender a literatura de Paulina Chiziane e o seu posicionamento sobre não ser romancista conduz o estudo à procura de caminhos que expliquem sobre a luta contra o pensamento colonial e a valorização dos saberes e da cultura local. Por isso, o estudo fundamenta-se nas obras: *A tradição viva*, de A. Hampaté Bâ (2010), e *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*, de Francisco Noa (2015), estes apresentam o contexto da construção da literatura moçambicana. Julga-se, para esta pesquisa, que esses teóricos trazem uma fundamentação consistente sobre a oralidade na África, o pensamento colonial e os saberes tradicionais, assim como a história da literatura oral e escrita em Moçambique.

*Teoria do romance III*, de Mikhail Bakhtin – Tradução de Paulo Bezerra - (2015-2019) e *Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Filding* - Tradução de Hildegard Feist - (2010), de Ian Watt, fundamentam a discussão sobre o surgimento e as classificações do gênero romance. Estes autores são estudados na academia e dialogam com conceitos no que tange a origem, o contexto sócio-histórico e a sua adaptação ao longo dos séculos.

*Discurso sobre o Colonialismo*, de Aimé Césaire (1978), dialoga sobre elementos históricos e os diversos aspectos de dominação do pensamento colonialista a sobressair os saberes das mais variadas culturas, valorando apenas saberes do Norte e menosprezando os saberes populares e de tradição.

Há também a análise das obras de Paulina Chiziane: *Balada de Amor ao Vento* (1995); *Ventos do Apocalipse* (1999) e *O Sétimo Juramento* (2000), escolhidas por serem as primeiras obras da autora a serem consideradas romances.

Sendo assim, para investigar o posicionamento da autora, esta pesquisa buscou percorrer elementos referentes à oralidade e à escrita em Moçambique, ao surgimento do romance a partir do seu contexto sócio-histórico e às suas ligações com a colonização e o capitalismo.

Para assimilar a desvalorização dos saberes e as marcas da colonização para o povo moçambicano, realizou-se o estudo de obras como: *A invenção da África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*, de Mudimbe (2013), e *Pele negra, máscaras brancas*, de Fanon (1983), que dialogam com fatores históricos para a contribuição da compreensão do pensamento colonial e trazem uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, com abordagem conceitual das noções de raça. *Entre estigmas e traumas de violência e escravidão: afirmação de identidade afro descendência*, de Domingos (2002), corrobora para a elaboração deste estudo, mediante a valorização da oralidade dentro das comunidades/sociedades.

Os métodos escolhidos nesta pesquisa fomentam os questionamentos e os objetivos estabelecidos, pois trazem aspectos de um regresso às origens socioculturais e ao movimento de recusa à imposição da cultura colonial.

Diante deste propósito, esta dissertação se divide da seguinte forma: na seção 1, intitulada Introdução, apresentam-se a contextualização, a problematização e a hipótese no que diz respeito à fala da autora Paulina Chiziane, objeto de estudo desta pesquisa. Além de trazer a relevância e a justificativa da pesquisa e os seus objetivos, são postos as motivações, os interesses e a ligação com o Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias

Sustentáveis - MASTS. Nessa seção, apresenta-se, inclusive, a trajetória profissional e acadêmica e as dificuldades vividas no percurso do mestrado em tempos de pandemia da Covid-19, pela autora deste trabalho.

Na seção 2, destacam-se a oralidade e a escrita em Moçambique com a finalidade de compreender como se dá o processo da oralidade e a sua devida importância no contexto social, assim como é apresentado como se deu o processo de introdução da língua portuguesa no território moçambicano.

Na seção 3, estão dispostas as questões relacionadas ao gênero romance, como se deu a sua ascensão e a sua ligação com o pensamento colonial e com o capitalismo.

Já na seção 4, é apresentada a biografia com breve apresentação das obras de Paulina Chiziane, dos prêmios e das menções honrosas. Além disso, está presente nesta seção um detalhamento das três primeiras obras publicadas pela autora.

Por fim, na seção 5, nas considerações finais, está presente o resultado do estudo realizado.

Desta maneira, espera-se que esta pesquisa contribua com a valorização da cultura africana e afrodescendente respaldada na Lei nº 10.639 de 2003, a qual institui o ensino da história e das culturas africana e afro-brasileira na Educação Básica e no Ensino Superior (público e particular) de todo o país, com a finalidade de valorizar a cultura e promover o respeito e a tolerância entre os povos, ampliando a capacidade de reconhecer a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, que é repleta de saberes e costumes resultantes da mistura de povos.

## **1.1 Motivações e interesses para a pesquisa**

Uma grande inquietação surge para esta autora ao passo em que começa a lecionar. Concluiu a graduação em Letras/português em 2011, na Universidade Estadual Vale do Acaraú - (UVA) e logo iniciou o trabalho de docência - inicialmente com estudantes do ensino fundamental da educação básica do município de Itaitinga, no mês de março daquele mesmo ano - e os grandes desafios foram surgindo, como todas as pessoas que iniciam sua carreira profissional.

Iniciou a sua jornada na educação ao longo dos seus trinta anos, já casada e com três filhos, de idades entre cinco e oito anos; tê-los sempre foi o grande motivo de querer superar os desafios que surgem, uma mola que impulsiona a sempre olhar mais alto.

Assim, com grandes dificuldades de chegar até a localidade Barroco – Itaitinga, e de lidar com a clientela, extremamente vulnerável, foi desafiada a permanecer na Escola Jardim de Fátima, ao menos até o final do ano letivo, e lá permaneceu até o ano de 2013.

Outrossim, em 2011, seu marido iniciou o curso de Engenharia de Energias na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), e, certa vez, disse-lhe que haveria um curso sobre Cultura Africana e que aconteceria aos sábados no *campus* (Liberdade), no qual ele estudava. Sentiu um grande interesse porque sabia que aquele curso poderia contribuir muito para a sua vida profissional.

Ao chegar ao primeiro dia do curso, encantou-se com aquele panorama diferente de tudo que apresentavam sobre a África. Mostraram belezas, riquezas, cultura, saberes, inteligência, poder; não era uma cena de pobreza e animais nas savanas, era uma riqueza desconhecida, que, para ela e para muitos conhecidos, era algo que nem imaginavam ser assim. Como muitas vezes é apresentada uma África que precisa ser salva pelos que possuem culturas, percebeu-se, por meio da fala do Professor Dr. Carlos Subuhana, que esta precisava ser conhecida, respeitada para que fosse percebida melhor.

Por motivos pessoais, não conseguiu continuar o curso, mas começou a trabalhar em sua sala de aula questões que remetiam àquela visão que a ela foi apresentada e, tanto no dia a dia como na comemoração do Dia da Consciência Negra, passou a trabalhar a África sem a ideia de fome e doença.

Em 2019, mais uma vez, seu marido falou sobre um mestrado que estava com inscrições em aberto, era o Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS). Pesquisou e viu que poderia estudar mais sobre a cultura africana através da literatura, submeteu o projeto e passou pelas etapas do certame; nesse período, já fazia parte do quadro efetivo dos professores do município de Fortaleza.

Iniciou as aulas do mestrado com muitas expectativas e, no primeiro contato que teve com seu orientador, Luís Tomás Domingos, foi questionada sobre si. Quem ela era? Pergunta simples, mas não sabe-se o que aconteceu, pois naquele momento aquela pergunta não era apenas para lhe conhecer, pois sentiu que não sabia quem era direito, que falava apenas o que já era visível e conhecido. Confessou que saiu daquele momento um tanto confusa, sem entender direito o porquê de não saber responder com simplicidade a pergunta realizada. Mas saiu também com a sugestão de conhecer Paulina Chiziane, através dos vídeos disponíveis nas plataformas digitais.

Assistiu a vários vídeos, reservou ainda alguns livros da autora na biblioteca da universidade e foi conhecendo um pouco da literatura e dos seus posicionamentos. Contudo,



ainda não entendia a dimensão do posicionamento da autora e do caminho que teria que percorrer para começar a compreender tal questão, era tudo muito novo para ela, até que foi convidada para participar do grupo Coletivo Descolonial – Pós-graduação em sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), na disciplina Curso de Leitura VI, com o professor Dr. Luís Tomás Domingos e a professora Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho. Nesta disciplina, teve contato com textos de autores como Aimé Césaire, Franz Fanon, Achile Mbembe, Lélia Gonzalez, dentre outros autores, realizando a discussão desses textos com a turma de discentes.

A partir das discussões e das leituras, foi possível chegar ao ponto de partida: “Quem sou eu?” “Por que quero pesquisar sobre cultura africana?”. Durante o período desse curso de leitura, buscou respostas de perguntas que nunca havia feito: “como eram meus avós paternos” (não chegou a conhecê-los) e “o que a minha avó materna teria para me contar sobre sua mãe e sua avó?”.

Nessa busca, encontrou um pouco as suas raízes, questões significativas. Seu avô, que o seu pai não chegou a conhecer e que ouvira poucas histórias sobre ele, era um homem muito forte e moreno (como disse seu pai).

Já sua avó materna contou-lhe muitas histórias. Uma delas, muito chamou sua atenção, visto que ela contou que a avó dela era uma índia que foi capturada nas matas da cidade de Viçosa do Ceará e, por sinal, o dono das terras colocou até cachorro para correr atrás dela, por ela correr muito e viver na mata. Depois de capturada, viveu na casa do dono das terras por muito tempo.

Ao ouvir essas e outras histórias reconheceu que, muitas vezes, deixamos a vida nos conduzir com vendas nos olhos e que sem saber sobre as nossas raízes muito nos falta, é como se andássemos sem saber por onde andamos antes.

E como compreender o discurso de uma autora que fala das suas relações ao redor das fogueiras, dos conhecimentos passados pela oralidade pelos que vieram antes dela, da fala de resistência, se a autora desse trabalho não entender, ao menos um pouco, sobre as suas próprias histórias? Como entender que é importante percorrer um caminho que outros prepararam com tanto esforço se ela não sabe quem preparou esses caminhos? Essas reflexões inflaram o desejo de compreender a demanda dessa pesquisa e vislumbrar o entendimento de tantas inquietações.

Percorrido todo esse caminho de vida, a pesquisa sobre entender a fala da autora Paulina Chiziane se dá pelo processo de muita leitura e discussão em torno da oralidade africana, do pensamento colonial, da valorização dos saberes do sul global, e, acima de tudo,

de um retorno às origens da autora deste trabalho para compreender que todos nós partimos do mesmo lugar.

A entrada no MASTS proporcionou-lhe a publicação de um capítulo no livro *Sociobiodiversidade, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade: experiências, limites e possibilidades* (pela editora Impreco em 2020); intitulado *Sociobiodiversidade e literatura: Estudo da obra moçambicana Balada de amor ao vento*, apresentou reflexões sobre a ligação entre o homem e a literatura, a sociobiodiversidade e a literatura e uma análise da obra destacada no título.

Ainda em 2020, no primeiro semestre do ano, o mundo recebeu a notícia de viver uma pandemia. No Ceará, a quarentena iniciou no dia 20 de março. Inicialmente, um momento de susto, medo e distanciamento social. As dificuldades deste momento (ainda vivenciado) trouxeram muitos desafios para a humanidade. Discursos do líder na nação brasileira divergiam com as orientações da ciência; a perda de parentes e amigos; o medo de adoecer e deixar a família desamparada faziam esses momentos virarem tempos sombrios.

Depois de alguns meses sem pensar direito na vida acadêmica, o retorno aos grupos de estudo e à disciplina que ainda faltava concluir foi realizado remotamente, através de plataformas da internet. Assim, voltou-se a caminhar, mesmo que a passos lentos e com dificuldades de consultar acervos e referenciais teóricos disponíveis nas bibliotecas da universidade.

Apesar desse momento difícil passado pela humanidade, é possível afirmar que, com essa pesquisa, o meu crescimento pessoal e profissional deu largos passos para melhor abordar questões e situações que fazem parte do cotidiano pessoal e escolar quando se fala sobre luta de classes, racismo, luta das minorias, o papel da mulher na sociedade, os valores humanos, o respeito a todos e a empatia.

Espero que, para além de uma busca pessoal, esse estudo possa colaborar com as discussões sobre o pensamento decolonial e a decolonização do pensamento e sobre a valorização dos diversos saberes. É preciso perceber e entender que há diversos saberes e que essa pesquisa não tem por intenção diminuir as epistemologias já consolidadas, mas apontar outros caminhos também importantes para a humanidade.

## **1.2 O Programa de Mestrado Masts**

O MASTS - Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis - é o mestrado interdisciplinar oferecido pela PROPPG – UNILAB do Instituto de

Engenharias e Desenvolvimento Sustentável (IEDS), que visa promover a conservação e o uso sustentável da sociobiodiversidade através do estudo, da pesquisa e da produção acadêmica, na divulgação de tecnologias sustentáveis e para a produção acerca das dinâmicas sociais.

O programa possui duas linhas de pesquisa: Tecnologias e Desenvolvimento Sustentável, e Sociobiodiversidade e Sustentabilidade, que está voltada para a análise e para a compreensão das conformações sócio-históricas às temáticas de sustentabilidade e de apropriação e uso dos recursos naturais.

Assim, esta pesquisa se aproxima da linha de pesquisa Sociobiodiversidade e sustentabilidade na medida em que a sociobiodiversidade é a relação entre o homem e a natureza, a partir dos bens e dos serviços gerados a partir dos recursos naturais, mas esse manejo respeita os saberes locais, valoriza os recursos naturais e guarda a tradição local. Com a finalidade de valorizar a cultura e promover o respeito e a tolerância entre os povos e ampliar a capacidade de reconhecer a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, que é repleta de saberes e costumes resultantes da mistura de povos.

As epistemologias do Sul são um convite a um amplo reconhecimento das experiências de conhecimentos do mundo, incluindo, depois de reconfiguração, as experiências de conhecimento do Norte global. Abrem-se, assim, pontes insuspeitadas de intercomunicação, vias normais de diálogo. No plano epistemológico, tal como noutros, o mundo não se pode contentar com breves resumos de si próprio, mesmo sabendo que a ‘versão completa e integral’ é impossível. A energia deve centrar-se na valorização da diversidade dos saberes para que a intencionalidade e a inteligibilidade das práticas sociais sejam a mais ampla e democrática. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 18)

Desta forma, este estudo relaciona-se com os aspectos da sociobiodiversidade a partir da realidade cultural, religiosa e social, a fim de compreender a colaboração da literatura para a preservação dos saberes e dos valores constituídos dos povos africanos em destaque Moçambique, visto que o objetivo do programa é formar mestres qualificados para atuar no ensino e para gerar e aplicar tecnologias, como também corroborar para o desenvolvimento social local, bem como, valorizar os recursos naturais locais, regionais e internacionais em especial dos países da CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

## 2 ORALIDADE E ESCRITA NA LITERATURA E EM MOÇAMBIQUE

A palavra vem muito antes da comunicação escrita, isso é um fato incontestável. Mas para algumas civilizações a palavra faz parte da herança oral recebida pela tradição e, por isso, é muito mais presente e atuante do que a escrita.

Ao observar o cotidiano brasileiro, é possível perceber o quanto a sociedade é permeada por várias culturas, mas é fato que as marcas da colonização são pulsantes no dia a dia. Assim como em outras culturas, a palavra, aqui no Brasil, é vista, na maioria das vezes, como no continente europeu; a fala até tem o seu valor, mas o que vale mesmo é a escrita. Na escola se aprende assim, é através de testes escritos que os estudantes precisam comprovar o aprendizado; na Academia, muito se usa da oralidade, mas sempre embasada na escrita, que, por sua vez, atesta a capacidade intelectual dos discentes. Não é pretensão, nesta ocasião, questionar as epistemologias presentes na Academia, o que se busca é levantar questionamentos sobre a desvalorização dos saberes tradicionais africanos, em relevo a oralidade.

Vale lembrar ainda que a oralidade é predominante no cotidiano dos brasileiros, apresentando-se como uma forte característica da miscigenação entre os povos. O contar histórias nas calçadas, passar receitas culinárias para as gerações, vivenciar os banhos de ervas, rezas e benzedeadas são marcas evidentes da tradição oral. Essa questão remete ao que cita Hampaté Bâ (2010, p. 169): “a palavra falada se empossa, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas”.

### 2.1 Os modos de pensar a oralidade

Para aqueles que pesquisam a oralidade a partir das observações vivenciadas no contexto brasileiro, percebe-se com muita nitidez o quanto a oralidade é vivida dentro dos mais variados contextos sociais e intelectuais, no entanto a escrita é sempre vista como a anfitriã, a superior e a que tem mais valor.

A desvalorização da oralidade se dá por diversos fatores, mas é possível elencar nesta pesquisa o fato de que os países que passaram pelo processo de colonização foram induzidos a perderem, ao longo do tempo, suas marcas tradicionais, como o valor da oralidade. A visão de civilização evoluída e moderna imposta aos colonizados os induziu a um processo de ruptura com seus costumes, impondo, assim, uma cultura que não os pertenciam, muito menos os representavam. Era missão dos colonizadores darem ênfase ao que está escrito e por diversas vezes deixaram claro que civilizações reduzidas à palavra falada eram atrasadas,

precisavam de ajuda para sair da obscuridade da ausência da escrita, porém é da oralidade que vem a escrita:

[...] os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro humano. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda dos fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo narra. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

Para a cultura africana, a palavra é viva, é movimento, ela vibra e tem o poder da criação. A fala pode proporcionar paz e guerra, ela é força e é possível perceber essas características nas obras de Paulina Chiziane. Esta pesquisa não poderia deixar de colocar a oralidade como um ponto primordial, visto a sua importância para a criação literária da autora.

É imprescindível deixar exposto que uma civilização predominantemente oral tem uma relação com o discurso totalmente diferente das civilizações que têm a escrita como principal registro das suas mensagens importantes. Vansina (2010, p. 140) diz que “A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade”. Assim, enquanto o historiador contemporâneo está imerso nas evidências escritas, as tradições requerem sempre o retorno à fonte.

A palavra falada está intrinsecamente ligada ao homem, que, por sua vez, não se distancia da natureza, ele faz parte desse coletivo, em que todos esses elementos estão interligados, o universo visível e o invisível. Por esse motivo, a mentira é uma verdadeira ferida moral, quem mente se separa de si e da sociedade. Hampaté Bâ (2010, p. 174) diz que: “Por esse motivo, a maior parte das sociedades orais tradicionais considera a mentira uma verdadeira lepra moral”.

Na tradição oral, há aqueles que passam a palavra com a autenticidade e a verdade e há aqueles que são permitidos florir ou enfeitar as histórias contadas. Os papéis aqui colocados são bem distintos para que não haja dúvidas em relação ao valor da palavra.

Os tradicionalistas carregam consigo a herança oral, o respeito à verdade e são os grandes detentores da palavra, as testemunhas da própria memória viva da África. Diferentemente da cultura europeia que valoriza o conhecimento particularizado, ou seja, o ser é especialista em algo, os tradicionalistas trazem uma visão geral e domam diversos saberes como, por exemplo, o poder das plantas, da religiosidade, as propriedades da agricultura, a psicologia, a astronomia, entre outros. É uma visão geral da vida, não se prende a um ramo da ciência, mas abarca os conhecimentos que envolvem o homem e a natureza que se completam mutuamente.

Existe uma veracidade na transmissão dos saberes a partir de uma educação tradicional regada de lições de vida, máximas, lendas, provérbios, contos, histórias, fábulas, que começa no seio familiar e é ligada às circunstâncias da vida. A escola é a própria vida e sempre se aprende, todos os dias, porque sempre há alguém mais velho ou mais sábio que possa ensinar ao outro.

A tradição oral não se resume a transmitir saberes, é algo muito maior, é a tradição oral que forma o homem. A transmissão dos saberes está ligada diretamente aos ofícios, que, por sua vez, é a herança dos ancestrais. Os ferreiros, os tecelões, os trabalhadores da madeira e os trabalhadores do couro compreendem o grupo de ofícios com “dons particulares, transmitidos de geração a geração através da iniciação” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 193).

Além dos tradicionalistas, há os *Dieli* (griots), são aqueles que divertem e ensinam, a eles é permitido efabular, são animadores do público e contam histórias, recreiam com as pessoas, cantam e declamam poesias líricas.

Os animadores de público recebem o privilégio de gozar da liberdade de falar, não precisam ser discretos e podem contar fatos inverídicos mediante a máxima “Isso é o que o *dieli* diz! Não é verdade verdadeira, mas a aceitamos assim” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 193). A eles cabem colher e fornecer notícias, são os que proporcionam as recreações populares, mediações entre famílias, historiadores e poetas. Os *dieli* manejam a fala de forma encantadora e mágica. Essa ornamentação no falar foi mal-entendida pelos europeus, como observado abaixo:

Um mal-entendido que ainda tem sequela em alguns dicionários franceses deve ser esclarecido. Os franceses tomavam os *dieli*, a quem chamavam de “*griots*”, por feiticeiros (*sorcier*), o que não corresponde à realidade. Pode acontecer de um *griot* ser *korte-tigui*, “lançador de má sorte”, assim como pode acontecer de um *griot* ser *doma*, “conhecedor tradicional”, não porque nasceu *griot*, mas porque foi iniciado e adquiriu sua proficiência, boa ou ruim, na escola de um mestre de ofício. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 198).

A oralidade é, portanto, um elemento basilar para reconstituir o acontecimento narrado em sua totalidade, não apenas rememorar, mas fazê-lo novamente. Além disso, é extremamente valiosa a contribuição deixada às gerações como herança de uma cultura viva.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167).

Uma memória que resiste e que se fortalece com a escrita de Paulina Chiziane, em que as narrativas incorporam a oralidade e se tornam caminho para compreender como Chiziane tece suas narrativas expansivas e com raízes na tradição e no contar histórias. Brito (2019, p. 104) comunica da seguinte forma: “é possível perceber, na ficção contemporânea de Moçambique, a incorporação de elementos da oralidade pela escrita”. Significa dizer que há um hibridismo como resultado de uma relação cultural entre matrizes diferentes.

Essa relação pode ser vista como uma forma de combinação ou mistura de elementos da oralidade e da escrita, mas é preciso evidenciar que a oralidade não se converte na escrita. O que acontece é um entrecruzamento entre elementos a evidenciar a presença de um contador de histórias, o que proporciona um jogo de encaixe narrativo.

Tal encaixe narrativo é servido da forma tradicional de contar histórias a utilizar fábulas, lendas, canções, provérbios, contos, para assim recompor uma memória cultural. Histórias imersas em outra história contém aspectos que perpassam a peculiaridade do contador de histórias. Ainda nos termos de Brito:

Por meio de suas narrativas fantasiosas, atravessadas por mistérios insondáveis e palavras mágicas, encantadoras, mais uma vez, propaga seu conhecimento e sua sabedoria. Sendo assim, exerce novamente sua função de contadora de histórias ao se dispor a transmitir, de modo metafórico, a memória cultural de sua gente. (BRITO, 2019, p. 108).

Nesse contexto, é perceptível o caráter pedagógico, dado como uma característica fundamental na tradição africana. É necessário que se conduza o ouvinte ou o leitor a uma reflexão sobre o que foi narrado. Refletir é pensar na postura das personagens, o que a jornada ou o trajeto escolhido a percorrer influencia na vida daqueles; o peso das escolhas ou modo de aprender a viver e superar os obstáculos que a vida proporciona.

Então, percebe-se uma multiplicidade de metodologias para fruir a narrativa de modo a promover a versatilidade como regra para a composição do romance. Assim, esse recurso possibilita um diálogo entre a tradição e o moderno, entre o contar histórias e escrever romances. Ana Mafalda Leite comunica que:

[...] o romance moderno africano recupera esta técnica narrativa, insistindo na unidade de acção, e na simplicidade da intriga, aspectos, aliás, que podem levar um crítico, não conhecedor das técnicas orais, a considerá-los como factor de inexperiência ou inabilidade do escritor. (LEITE, 2005, p. 150).

Ao refletir sobre a lógica da oralidade no contexto moçambicano e a sua ligação com a escrita, há um grande esforço para se desfazer, ou ao menos amenizar, a lógica

eurocêntrica de que a escrita na África fora inexistente ou ligar a oralidade apenas a este continente, como se fosse possível colocar a escrita em um plano superior e justificar a transmissão do saber apenas pelo suporte oral como algo menor ou com menos valor.

Essa imagem, apresentada para a sociedade dos ditos letrados, traz uma visão deturpada de uma civilização rica em epistemologias, que tem características próprias e com saberes sociais e culturais que ultrapassam os limites das áreas de conhecimentos, ampliando-se para a construção de um homem que dialoga com o tempo, com a natureza, e que constrói uma identidade histórica, que, segundo Domingos:

A finalidade da existência do homem na cosmovisão africana está estabelecida no universo e é influenciada pela ordem dos seres na natureza. [...]. Todavia, na cultura africana, existe o parentesco original entre o homem e a natureza. Um dos fundamentos da arte de viver do africano é a “participação” ou comunhão profunda com a natureza. (DOMINGOS, 2011, p. 23-24).

Sendo assim, o homem é um elemento nesse sistema maior que é a natureza e é, inclusive, parte constituinte do ser humano se relacionar com seus pares, pensar, construir, elaborar meios para sobrevir às possibilidades de sobrevivência, resistência e perpetuação. A oralidade não é uma falta de saber ou um saber menor, a palavra tem valor semântico de engajamento, por isso, deve ser tratada com sua devida grandeza.

## 2.2 Oralidade em Moçambique

A dominação portuguesa percorreu diversos territórios na busca de explorar recursos e ampliar seu senhorio, e o caminho mais utilizado era a implantação do colonialismo: um sistema político e complexo, com vários elementos que objetivam dominar um povo. Aimé Césaire (1978), no seu *Discurso sobre o colonialismo*, traz a ideia de que esse sistema tinha a missão de civilizar através do cristianismo. Compreende-se, por essa afirmação, na perspectiva do colonizador, que o povo ao qual seria colonizado era considerado bárbaro e, por isso, precisava levar a salvação cristã para tirar aquele povo das trevas e, por muito tempo, assim se sucedeu a colonização em vários pontos do mundo, inclusive em Moçambique.

Assim, desde o final do século XV até o final do século XX, as marcas do colonialismo foram sendo impressas nas culturas, nas tradições, nas religiões, na política, nos costumes, na linguagem e nas diversas expressões das etnias colonizadas.

A maior preocupação do poder colonial era, compreensivelmente, remover as tradições autóctones tanto quanto possível para implantar no lugar suas próprias



concepções. As escolas, seculares ou religiosas, constituíram os instrumentos essenciais desta ceifada. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 211).

Essa perspectiva se apresenta como um dos caminhos percorridos pelo poder colonial que separava as pessoas por raças para proporcionar a exploração sob a justificativa de superioridade, poder e virtudes cristãs, como cita Césaire (1978, p. 31):

O progresso está em que hoje é o detentor das ‘virtudes cristãs’ que disputa a honra – e sai-se muito bem – de administrar o ultramar usando os processos dos falsários e dos torcionários. Sinal de que a crueldade, a mentira, a baixeza, a corrupção contaminaram maravilhosamente a alma da burguesia europeia.

Sob esse jugo, a dominação se estabelece e o poder colonial vai tomando forma com o movimento expansionista. Uma ansiedade, no sentido de conhecer outros povos e modelos exóticos, é vista a partir de uma postura de superioridade que se estabelece, e a literatura colonial vai ganhando espaço.

Por conseguinte, a literatura colonial vai se apresentando como superior, já que trazia as narrativas contadas na perspectiva do branco sobre o negro, com um ambiente que justifica as ações do branco e faz deste sempre um herói ou um valente guerreiro. Noa (2015) traz o entendimento que a língua portuguesa se tornou um aparato de dominação e perpetuação do poder.

Nesta perspectiva, para muitos pesquisadores, entrar no contexto do termo “colonial” traz certo desconforto e Francisco Noa (2015), na sua obra *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*, apresenta que falar de literatura colonial é um empreendimento, de certo modo, espinhoso, porque, certamente, hoje, existe um forte sentimento de rejeição e resistência para com as sequelas deixadas pelo sistema do colonialismo.

Mesmo diante de obras ficcionais, pode-se perceber o quanto essas marcas coloniais estão presentes e expostas dentro de narrativas que transportam seus leitores a tempos de exploração e de um processo de invisibilização e ocultação das contribuições sociais e culturais que divergem do conhecimento eurocêntrico (SANTOS; MENEZES, 2010).

Enquanto as obras com características coloniais trazem o homem branco como um ser superior, herói e com ações justificadas pela sua superioridade racial, a literatura oral vai se perpetuando como uma brisa que não pode ser contida. A mistura entre o mundo das palavras escritas e faladas se configurou e a dicotomia no discurso sobre a literatura africana se estabeleceu, como cita Ana Mafalda Leite, na sua obra *Oralidades e Escrita*:

O reconhecimento e ideia aceita de que a literatura moderna nasce a partir da introdução da escrita em África pelos europeus levou a uma dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia, a oralidade é africana. E aquilo que é fenómeno acidental passa a ser encarado como um fenómeno essencial. Ou seja, a ‘natureza’ cultural africana é oral; são os europeus que vieram perturbar este estado ‘natural’ e adâmico. (LEITE, 1998, p. 15).

É partindo da compreensão desse estado adâmico da oralidade na África, que se nota o quanto a literatura oral foi percebida como menor e sem prestígio pelo eurocentrismo. O mundo das palavras escritas observa a oralidade como algo inferior, no entanto a oralidade é início do ser humano, é lugar de ensinamentos e afeto, lugar onde os laços se estreitam e as gerações transmitem valores, cultura e tradição. Ana Mafalda Leite apresenta um panorama em que há uma preocupação em tornar legítimo o espaço que é próprio da literatura africana, marca de um signo colonial presumível:

Contudo, uma vez que estas literaturas, além deste enquadramento, são escritas na maioria dos casos na língua do colonizador, semelhante “colagem” levou por vezes a análises tendenciosamente paternalistas e a encarar a produção literária africana como uma espécie de produto neo-colonial. (LEITE, 1998, p. 12).

Muitos africanos e africanistas, teóricos e estudiosos consideram a oralidade como um critério de análise da literatura africana com a ideia de continuidade entre a tradição oral e a literatura. De fato, a oralidade é uma identidade da tradição africana, é a grande escola da vida que trabalha com os aspectos da vida humana.

Desta forma, o foco de um estudioso que trabalha com as tradições orais deve ser de possuir um olhar atento para perceber que a fala é um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais (VANSINA, 2010). Assim como existe a sabedoria dos ancestrais, acredita-se que a palavra tem um poder misterioso que cria as coisas. Uma afirmação como esta traz um certo desconforto para aqueles que pesquisam com base na escrita, pois torna-se complexa a compreensão da dimensão da oralidade.

O fato é que assim como o texto escrito é dotado de muitos significados, o texto oral também tem suas características próprias no que diz respeito a suas particularidades de performance, é preciso um olhar atento e a revisita constante para compreender as diversas camadas de sentido que o texto oral possui. Desta forma:

Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os aspectos. Um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas

maneiras, pois um indivíduo pode interromper seu testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc. (VANSINA, 2010, p. 140).

Ademais, a origem da tradição oral pode partir de um testemunho visual, ou uma criação com uma mistura de diversos textos orais, a fim de proporcionar um caráter pedagógico, histórico ou, simplesmente, para entreter. Por ser da tradição também, as obras literárias devem ser compreendidas e estudadas como tal, estudando as relações sociais e o meio que propicia uma visão de mundo e que ampara o teor da expressão cultural.

Expressão cultural que Paulina Chiziane expressa através das suas produções. Em entrevista concedida ao canal Café Filosófico UFRN, que foi ao ar em 27 de novembro de 2018, pela TV Universitária - TVU/RN e disponível na plataforma Youtube, a autora fala sobre a oralidade e a sua importância no desenvolvimento da inteligência. Chiziane (2018), ao iniciar a sua fala sobre a oralidade, enfoca como “o mundo escrito olha para a oralidade como um lugar menor” e nega essa afirmação citando que a oralidade é o lugar de qualquer ser humano.

Ao analisar de forma mais detalhada a tradição como obra literária, percebe-se que a forma e os critérios estabelecidos na oralidade influenciam diretamente a mensagem propiciada ao espectador. Mensagens como: provérbios, charadas, orações, adágios, lemas trazem na sua fórmula (regras de composição) o conteúdo do ensinamento, as palavras servem de veículo para conduzir a instrução.

A tradição oral corrobora diretamente com o reviver e com a memória coletiva e cultural do povo moçambicano. Não é uma espécie de combate ao esquecimento, mas um reforço e uma diversificação do processo de recomposição dessa tradição, e escreve-se para reforçar a diversidade do processo de recriar. Ao utilizar a escrita para contar histórias, um novo espaço vai se formando e se estabelecendo como um meio de reconstrução de uma memória coletiva.

Moçambique passou por um processo de descontinuidade a partir de mais de uma década de guerra e conflitos, com a desolação humana e ambiental, o que não proporcionou um ambiente cultural congruente à transmissão oral. No entanto, as raízes da oralidade suscitaram o imaginário ancestral, e o que era considerado esquecido ou baldado torna-se atual, útil e presente.

A experiência da colonização pertence à memória coletiva e à identidade cultural do povo moçambicano. O português, como língua, é uma herança da colonização, a língua europeia se articula com as vivências locais e molda um novo lugar de reinvenção. As gerações vão estabelecendo um elo de transmissão das vivências e dos conhecimentos a partir dessa

miscigenação entre a escrita e a oralidade. Para compreender melhor essa mistura, Mia Couto (1998, p. 10), em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo em 1998, cita:

Eu sempre abro as portas para que esta oralidade me invada e desarrume a escrita em tudo até o limite. Até o limite que deixe de ser literatura, não me importo que isto aconteça... inevitável que a invasão do mundo da oralidade ocorra, e vem ocorrendo comigo e com outros escritores de Moçambique.

Nessa perspectiva, a natureza da tradição oral tem como mais importante a mensagem, e a forma ou a estrutura servem para colaborar com o sistema de comunicação que se quer propor ao interlocutor, tudo que é importante é cuidadosamente transmitido. A cultura oral oferta recursos de interação entre assuntos contemporâneos e a memória ancestral, essa interação é capaz de alicerçar um elo entre as formas tradicionais e a modernidade, entre escrita e oralidade.

### **2.3 Literatura em Moçambique**

Moçambique, como os demais países da África, tem a palavra como base para a literatura. A palavra falada é um fator constitutivo da literatura local, que já existia antes mesmo do domínio português. No ensaio do autor Francisco Noa, intitulado *Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens* (2008), são percebidas algumas características da literatura recém-estabelecida em língua portuguesa, como por exemplo: uma literatura relativamente recente, pois tem cerca de 100 anos e que apresenta as complexidades da colonização e da língua estabelecida pelo colonizador, e o papel da imprensa que difundiu a literatura, além de perceber que a literatura é um fenômeno com essência urbana.

É importante observar que não é pelo fato da escrita ser mais evidente ou notada que a literatura se estrutura, porque, se assim fosse, a afirmação que a escrita sucede a oralidade estaria posta, e não é essa percepção que se tem com a reflexão proposta por Ana Mafalda Leite (1998). A oralidade não compete com a escrita e, por isso, torna-se necessário entender como a literatura escrita em língua portuguesa vai se estruturando e as obras vão surgindo. Em Moçambique, as produções textuais com padrões estáticos portugueses circulam e as profundas raízes dessa identidade são percebidas nos escritos literários do século XIX (NOA, 2008).

As relações decorrentes do sistema colonial na literatura escrita em Moçambique geraram uma carga imaginativa dominante de matriz eurocêntrica. O processo de evolução que acompanhou a literatura colonial é dividido em três fases designadas da seguinte forma:

“Exótica, doutrinária e cosmopolítica”. (NOA, 2015, p. 50). Lembrando sempre de que o pano de fundo da literatura colonial é o processo histórico, ou seja, a colonização; e o sistema, o colonialismo. Juntos, esses dois elementos foram capazes de proporcionar consequências severas na sociedade moçambicana.

A instituição da imprensa no século XIX traz um respaldo significativo para a divulgação literária, além do 1º Congresso de Escritores da África que ocorreu em 1965. Diante de todo esse contexto, uma elite de assimilados<sup>2</sup> ancorava-se na dicotomia de aspirar à cidadania portuguesa, desenvolver ações interventivas para ir contra as arbitrariedades da colonização, no entanto Francisco Noa afirma que:

Apesar deste engajamento, mais cívico que político, não existia propriamente uma consciência nacionalista, nem o sistema colonial era posto em causa na sua essência, por essa mesma camada, incontornável pioneira da intelectualidade moçambicana, e não só. (NOA, 2008, p. 36).

A relação da literatura de Moçambique com a língua portuguesa no espaço colonial é gerada a partir de um cenário de assimilados e os repertórios que buscavam fortalecer um nacionalismo que apresentava a ideia dicotômica de pessoas civilizadas ou nativos indígenas. O título de civilizado era para aqueles que sabiam ler e escrever em português, a estes eram destinados emprego remunerado, era uma espécie de protótipo de nacionalismo, na medida em que não havia uma consciência nacionalista.

Pode-se compreender, portanto, que havia uma população que migrava das regiões rurais e ficava às margens dos centros urbanos, formando uma espécie de bolsões periféricos. Essas pessoas eram atraídas pelas possibilidades de crescimento econômico, crescimento esse que a colônia fazia questão de mostrar.

Desta forma, a migração de pessoas das zonas rurais com sua essência tradicionalista para as regiões mais urbanizadas e com forte presença da modernidade deu origem a um novo grupo de indivíduos que recebiam influências do tradicional e do moderno. Nos subúrbios organizavam a vida a partir dessa simbiose de culturas diferentes.

Na década de 40, a produção literária teve questões ligadas à realidade sociopolítica vivida em Moçambique, que trouxe uma entonação contra a colonialidade<sup>3</sup>, um novo tipo de

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para o grupo de negros e mestiços que recebiam a cidadania mediante a imposição e a obediência às leis do poder contra a vontade dos seus habitantes, exercido por grupos individuais de representantes do governo de outro país (MINDOSO, 2017, p. 39).

<sup>3</sup> A colonialidade é a ideologia do sistema político, econômico, social imposto pelo país dominante sobre outro país através da colônia. Já o colonialismo é o nome dado ao sistema de poder contra a vontade dos seus habitantes, exercido por grupos individuais ou representantes do governo de outro país (MINDOSO, 2017, p. 39).

pensamento crítico em relação à condição colonial com ruptura ao movimento que reivindicava o direito de pertença. Os movimentos artísticos e alguns intelectuais questionam os aspectos do colonialismo e trazem à tona um movimento que:

Carregará em sua configuração artística, sobretudo, uma forma de reflexão sobre as próprias condições de vida dos habitantes de uma sociedade ainda colonial, apresentando uma ótica e uma perspectiva que se reconhecerá, finalmente, como uma comunidade autônoma diferente de Portugal. (SILVA; SOUZA, 2015, p. 108).

A partir desse momento, é possível perceber uma organização mais eficiente, ou mesmo uma mudança na postura de produzir a literatura e na sistematização do ponto textual que compreenderá um pensamento com maior autonomia e de reprodução de uma cultura, mesmo que influenciada pelo mundo moderno, com características próprias e condizentes às próprias raízes.

O desencadeamento das lutas armadas veio na década de 60, produzindo assim uma poesia de combate que foi cultivada, principalmente, por escritores que militavam na Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO. A literatura nesse período traz uma certa profundidade para representar o imaginário das vozes dominantes (NOA, 2015).

E, na década de 70, um grande fervor revolucionário, que seguiu com a independência de Moçambique e com a associação da imprensa às obras nacionalistas, emergiu de forma poderosa e inflamou a criatividade e a liberdade subjetiva. Não se pode deixar de citar a criação da Associação dos Escritores de Moçambique (AEMO) e a revista *Charrua* (1984), que conglomeraram ícones da literatura moçambicana.

Nomes célebres como: Paulina Chiziane, Mia Couto, Luis Carlos Patraquim, entre outros, figuraram os anos de 80 e 90, proporcionando temas que versam sobre a mulher, o cotidiano, uns mais intimistas, outros com mais erotismo, no entanto:

O que nos oferece o universo de ficção em Moçambique é, entre outros aspectos, a consolidação ou confrontação das múltiplas ordens e dimensões: o oral e o escrito, o latente e o manifesto, o tradicional e o moderno, o passado e o presente, o interdito e o permitido, o rural e o urbano, o nacional e o estrangeiro, o natural e o sobrenatural, a vida e a morte, o local e o universal, a ordem e o caos, a cosmogonia e a escatologia.” (NOA, 2008, p. 44).

Na década de 80, a Revista *Tempo* lançou alguns concursos literários, e nomes, hoje, bastante conhecidos, como: Mia Couto, Ba Ka Khosa. Já na década de 90, Paulina Chiziane publicou seu primeiro livro. Uma geração de escritores que começaram a produzir com um nível requintado de reflexão estética e com um compromisso ideológico para além dos

paradigmas estabelecidos e com um convite às culturas endógenas acústicas (SILVA; SOUZA, 2015, p. 114).

Significa dizer que a década de 80 é marcada por vozes coletivas e pelo contexto de luta pela independência de Moçambique. É preciso deixar exposto que a literatura moçambicana se fortaleceu no século XX, inicialmente através de jornais locais e depois com publicações de livros que reforçam a identidade nacional de Moçambique.

Para Freitas:

Pensar a produção literária em Moçambique é antes de qualquer intervenção teórica que possa ser feita em relação a esta literatura, saber que há um compromisso por parte dos intelectuais moçambicanos em construir um processo de legitimação da identidade moçambicana, assim como o fizeram os intelectuais angolanos com o movimento *Vamos descobrir Angola* (movimento cultural iniciado em 1948 em Angola com o propósito de divulgar a cultura angolana no sentido de fazer com que os angolanos aculturados redescobrissem Angola através de uma consciência cultural que faz nascer a angolanidade). (FREITAS, 2012, p. 17-18).

A literatura de Moçambique apresenta para o mundo sinais de vitalidade através de tantos autores, que vão ganhando a atenção dos leitores com obras carregadas de traços da oralidade e da escrita, do homem e da natureza, do místico presente nos lugares e nos rituais.

Ler a literatura de Moçambique é, como cita Freitas (2012, p. 19): “um caminho para se perceber a tradição cultural que ainda permanece na modernidade”, é uma possibilidade de conhecer as multifacetadas da cultura moçambicana que foi colônia de Portugal até meados da década de 70, do século XX, com vários elementos como a monogamia e a poligamia; o trabalho escravo e o trabalho livre; o politeísmo e o monoteísmo, dentre outros aspectos.

Diante desta literatura escrita que vai se fortalecendo e alcançando grandes proporções, o gênero romance recebe uma prevalência na literatura de Moçambique, considerando que ele emerge com a modernidade e concentra em si as tensões quanto à legitimação por ser considerado um gênero menor, que acaba por se transformar em um gênero emergente e de grande alcance. Isso é o que anuncia Noa (2015, p. 322): “Assim, acontecerá com a literatura, em geral, e com o romance, em particular, que de gênero menor, se transforma, a partir do século XIX, na referência literária por excelência.” Entende-se que, na medida em que se compreende a efervescência cultural, social, moral, científica e política em confronto com o sujeito, o gênero romance se torna mais propínquo da realidade social e ganha contornos que aproximam e atendem a uma nova demanda do público.

Assim:

O escritor da literatura moçambicana é uma criatura que vive a experiência de intercambiar o literário e o político. Esta experiência faz aparecer na produção literária o universo de ambivalência cultural em que se insere o escritor moçambicano, o qual termina por selecionar temas sociais que inserem Moçambique em um universo de discussão exageradamente subjetivo devido ao complexo processo de moçambicanização. (FREITAS, 2012, p. 26).

Um universo subjetivo que Paulina Chiziane explora com muita maestria, visto a sua efetiva participação na FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique - e suas vivências frente às tensões entre colonizados e colonizadores, entre os costumes locais e os costumes impostos pelos dominantes, entre a língua do colonizador e os vocábulos do chope<sup>4</sup>.

Todas essas questões aqui colocadas são relevantes para compreender as estratégias narrativas da autora a fim de revelar a sua escrita intimamente ligada ao discurso da tradição oral, ou seja, a escrita recupera as formas de contar histórias ao redor das fogueiras ou sentado embaixo de uma árvore. Também vale refletir sobre a compreensão do gênero romance, quando ele surge e como se estabelece no mundo moderno.

---

<sup>4</sup> Língua tradicional do norte da província de Gaza e da província de Inhambane, em Moçambique.



### 3 O GÊNERO ROMANCE E A SUA LIGAÇÃO COM A COLONIZAÇÃO

A prosa romanescas na Antiguidade Clássica, ao longo dos séculos, foi deixada de lado às margens dos estudos literários. Segundo os estudos de Mikhail Bakhtin (2019), era considerado um gênero plebeu e sem modelo bem delineado ou pré-estabelecido.

Existem algumas dificuldades peculiares em definir e explicar com clareza os limites do romance, nunca é fácil conceituar, delimitar questões que são muito amplas na sua essência. O gênero romance foi visto por muitos como uma nova forma literária; surgiu no século XVIII, divergiu dos gêneros literários já difundidos e acabados, como cita Bakhtin (2019, p. 66) na sua obra *Teoria do Romance III - O Romance como gênero Literário* - ao referir-se nos termos seguintes: “gêneros acabados, dotados de sua ossatura rígida e já pouco plástica”. Daí se percebe o quanto o gênero em investigação é maleável e, por isso, passível de muito estudo e pesquisa.

A fim de deixar mais clara a compreensão sobre o que é o romance, é necessário percorrer os caminhos históricos na busca de entender como o gênero vai se edificando na sociedade. A priori, vale ressaltar que o romance é um gênero do mundo moderno, ele surge em conexão com a Revolução Industrial e a ascensão da burguesia capitalista.

#### 3.1 O gênero romance e a sua ascensão

Descendente da epopeia, uma das três formas literárias do mundo antigo, Ian Watt (2010), na sua obra *Ascensão do romance*, apresenta o surgimento do romance moderno como um sintoma das transformações sociais protagonizadas pela burguesia inglesa do século XVIII.

Assim, é possível chegar à compreensão de que o gênero vem junto com o progresso da burguesia, com a finalidade de nutrir a necessidade da classe social em desenvolvimento. Uma das grandes transformações foi trazer o individual, o cotidiano e todo tipo de experiência humana para as obras, ao contrário da épica que valorizava o coletivo, a cultura e a tradição.

Watt mostra como diferença essencial entre o romance e as obras romanescas<sup>5</sup> o “realismo” que passou a ser considerado um idealismo, deixando de lado a interpretação da verdade humana. O realismo procura retratar os mais diversos tipos de experiência humana. Usava-se o recurso de conferir um valor à fidelidade da experiência humana, era individualista e inovadora.

---

<sup>5</sup> [...] essas prosas romanescas estavam ligadas às realidades relacionadas ao universal e não as questões particulares e de percepções sensoriais. (WATT, 2010, p. 12).

Pode-se pensar como um autor se empenha na missão de compor um romance e nas formas de manejar as convenções estabelecidas, mas para muitos o romance é amorfo e se desvincula dos enredos tradicionais como, por exemplo, as lendas, os mitos e as fábulas para centralizar o homem nos fatos narrados e se liberta das convenções formais da tragédia e da épica.

As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova. Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade. (WATT, 2010, p. 13).

Ao perceber esse movimento social de substituir a tradição coletiva pela experiência individual, compreende-se que um período marcado por tantos acontecimentos e transformações, certamente teria grandes mudanças na forma de vida da sociedade e, conseqüentemente, na forma de ver e expressar os sentimentos e as vivências da humanidade, de forma que, na literatura, não foi diferente.

Nessa nova forma de narrar histórias, certamente impulsionada por ideias iluministas, a prática do artista é dotada do abandono das categorias estéticas, para que a arte não se afaste da realidade, como cita Watt (2010, p. 10): “Em resumo consideram o ‘realismo’ a diferença essencial entre a obra dos romancistas do início do século XVIII e a ficção anterior”, o uso dos enredos não tradicionais constitui uma nova manifestação das narrativas que têm como característica um fluir espontâneo e com concepções próprias.

Outro ponto do romance, que se faz necessário destacar, é o modo particular dos personagens, particularizando-os e detalhando-os de modo a aproximar-se do contexto social contemporâneo, cada personagem tem o seu papel e cada um constitui uma importância para a construção da trama; mesmo que seja dotado de mediocridade, cada personagem compõe sua parte dentro da narrativa. Outra marca de destaque sobre o personagem é que a presença de nome e sobrenome o particulariza e o aproxima da realidade literal com uma detalhada apresentação de suas características.

Além do destaque dos personagens há um rompimento com o tempo narrativo, a trazer elementos que deixaram de ser atemporais para se tornar um tempo preciso, o tempo é relativizado. Assim como o tempo, o espaço foi modificado, deixando de ser vago e genérico. A marcação do tempo e do lugar sai, também, da ideia do geral e passa para o particular; assim

como os personagens são individualizados, eles viveram em um determinado tempo, por isso o tempo recebe uma abordagem particular.

O romance traz em sua essência as preocupações da vida cotidiana, com personagens que se aproximam de seus leitores, por isso, o tempo colabora com a ideia de identidade pessoal que, por sua vez, dá ritmo à narrativa e tem o espaço correlato ao tempo, o que indica que, para muitos estudiosos da área, o tempo está entrelaçado com o espaço e estes coadunam para marcar o particular e dar a impressão de autenticidade.

Assim, o romance vai descrevendo imagens, temáticas da memória reconstruída a partir de diferentes espaços regionais com suas culturas, com suas representações, na tentativa de descrever e narrar a realidade da nova sociedade que, por sua vez, é repleta de homens e mulheres com características destoantes aos deuses das mitologias.

Diante desses pontos citados sobre o romance:

Aqui, no entanto, estamos interessados numa concepção muito mais limitada, na extensão em que a analogia com o realismo filosófico ajuda a isolar e definir o estilo narrativo específico do romance. Tem-se dito que este é a soma das técnicas literárias através das quais o romance imita a vida seguindo os procedimentos adotados pelo realismo filosófico em sua tentativa de investigar e relatar a verdade. (WATT, 2010, p. 13).

Defronte de tantas mutações, o romance dos anos setecentos, assim como na antiguidade clássica, permaneceu como inferior e não era considerado sério, pois, para alguns críticos, os romances traziam ensinamentos errados, podendo se tornar algo perigoso. Essas críticas se estenderam pelos séculos XIX e XX, e, a partir disso, é possível citar a obra *Madame Bovary* (1857), que trouxe perplexidade para a sociedade ao ser descrita com muita precisão uma traição. Portanto, o realismo do romance causou uma ruptura com a tradição literária vigente, vários fatores causaram esse rompimento como já citado acima.

Frente ao poderio burguês, o romance ganhou força nos folhetins, visto que era através do romance que a burguesia expressava sua expansão e seu protagonismo. Essas manifestações literárias eram capazes de apresentar as ideias burguesas, os seus valores, os defeitos e principalmente a sua visão de mundo. O romance tornou-se mercadoria rentável apesar de grande parcela da população da época não ser letrada. As produções da época tinham a burguesia como público-alvo, e fatores como o alto custo dos livros e o baixo poder econômico da população fez com que o gênero ficasse restrito a esse grupo populacional.

À vista disso, o gênero romance descende dos gêneros clássicos europeus e é o gênero ligado ao novo tempo, à modernidade. O capitalismo vai se fortalecendo; a burguesia se

estabelece a partir do capitalismo e o romance vai atendendo às necessidades literárias desse grupo seletivo de pessoas que eram alfabetizadas e que ascendiam a uma nova camada da pirâmide social.

Com o intuito de melhor compreender a ligação do romance com a Revolução Industrial e o capitalismo, é importante conhecer a relação do romance com o período colonial para aprofundar mais o percurso por ele percorrido.

### 3.2 O romance e o pensamento colonial

A escrita é um lugar de liberdade e o romance é uma forma de expressar a liberdade de criação; um gênero que se desvincula das epopeias e vai obtendo seu espaço, contudo, historicamente, o romance surge no século XVIII e o colonialismo está fortemente presente nesta época. Talvez, para muitas pessoas, esse assunto já deveria estar encerrado, mas, para pesquisas como esta, compreender como o período colonial se estruturou e o que ele gerou é um dos caminhos para compreender o discurso da autora.

O período ativo da colonização durou menos de um século, como anuncia Mudimbe (2013, p. 6), mas “é ainda pesado e controverso dado que significou, no mínimo, uma nova forma histórica e a possibilidade de tipos radicalmente novos de discursos sobre tradições e culturas africanas”. Fato é que os colonos e os colonialistas<sup>6</sup> reiteraram a ideia de organizar e transformar regiões não-europeias em construções com características europeias. Ao ver esta afirmação parece ser algo simples e ingênuo, no entanto, essa despreensão é dotada de um projeto ideológico com ideal de “regenerar” os espaços africanos e a sua população.

Assim:

[...] ao olhar-se para este processo, é possível usar três chaves principais para dar conta das modulações e métodos representativos da organização colonial: os procedimentos de aquisição, distribuição e exploração de terras nas colônias; as políticas de domesticação de indígenas e a forma de gerir organizações antigas e de implementar novos modos de produção. Assim, emergem três hipóteses e ações complementares: a dominação de espaço físico, a reforma das mentes dos indígenas e a integração de histórias econômicas locais numa perspectiva ocidental. (MUDIMBE, 2013, p. 6).

Fato é que essa estrutura apresentada por Mudimbe indica um projeto de metamorfose com ideologias e teorias para dominar o espaço africano. Essa ideologia

---

<sup>6</sup> Colonos são aqueles que colonizaram uma região e os colonialistas são os que exploraram um território, dominando através de uma maioria local. Essa classificação está disposta por Mudimbe (2013, p. 6).

imperialista transformou os processos econômicos dos territórios de suas dependências com o objetivo de produzir o fruto do capitalismo.

Ao observar a forma como é vista a parte cultural e religiosa dentro desse imperialismo colonial, a desvalorização desses elementos locais foi efetivada a fim de trivializar os costumes e a vida tradicional. Deixar as práticas costumeiras, as vivências locais e a exposição de uma imagem empobrecida de um passado mítico, foram utilizados para colocar a sociedade tradicional à margem como uma evidência de subdesenvolvimento.

Como entender o pensamento colonial se esse pensamento é apresentado para a sociedade sob o véu da modernidade, do crescimento econômico, da prosperidade? O presente mostra demandas severas para serem sanadas ou amenizadas, mas como lutar contra o pensamento colonial cravado no cotidiano se não existir, a priori, a compreensão deste movimento? Achille Mbembe (2014), na sua obra *Crítica da razão negra*, apresenta pontos pertinentes para dar passos para essa compreensão, uma vez que o conceito de raça se apresenta de forma clara e tocante. O paradigma da submissão e da superação são demonstrados dentro de um complexo conjunto de meios para a criação do termo “raça” que, segundo ele:

não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasiosa ou de um projecção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verossímeis – a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo. (MBEMBE, 2014, p. 17).

Assim, é válido notar o quanto a visão dominante constrói uma fantasia sobre o povo dominado e perpetua uma ideia que, de tanto ser repetida, torna-se uma verdade e edifica o pensamento que o ocidente é o lugar mais civilizado e ideal para o restante da humanidade.

Mbembe (2014) continua a citar que, de um modo geral, a África e o negro eram apresentados como um ser inacabado ou a extensão da vegetação, sendo assim, eram limitados e passivos de dominação; alguém sem conhecimento sobre si, ou sua subcategoria do homem, sempre a serviço do homem branco e dominante.

A colonialidade pode ser entendida a partir da modernidade que traz, na sua complexa narrativa, a Europa como ponto central e detentora do saber e do mundo civilizado, mas também tem um lado que ignora as trajetórias constitutivas de diversos povos, assim nos apresenta Mignolo (2017), no seu artigo *O lado mais escuro da colonialidade*. Sob essa ótica, pode-se notar que o discurso sobre a superioridade do continente europeu permanece muito vivo no imaginário de uma grande coletividade humana o que, por sua vez, menospreza outras possibilidades de pensar, de agir, de se posicionar, de viver.

O colonialismo foi capaz de apresentar narrativas que infiltraram os elementos constitutivos da cultura dos povos, deixando essas pessoas sem ter a opção de escolher entre as suas raízes ou a sobrevivência. E isso muito se apresenta nas relações da atualidade, quando é observada uma supervalorização da cultura ocidental e a justificativa para a dominação dos povos africanos:

Assim, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis. (MIGNOLO, 2017, p. 4).

Desta forma, Mignolo (2017) comunica que o poder colonial é crivado por uma Matriz Colonial do Poder (MCP). O autor apresenta o colonialismo como um monstro que possui quatro elementos de controle, sustentado por dois fortes pilares: o controle da economia, da autoridade, do gênero e da sociedade, do conhecimento e da subjetividade, juntos, são sustentados pelo fundamento patriarcal do conhecimento e pelo fundamento racista. É possível perceber essa estrutura se perpetuar hodiernamente dentro de várias sociedades, inclusive, no Brasil.

Para Fanon (1983, p. 17), “Falar é poder usar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de uma ou outra língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”, desta forma o peso da civilização preponderante desemboca sobre os dominados e gera uma relação de exploração.

É a partir dessa relação dominante que se pode analisar a relação do pensamento colonial com o romance. A colonialidade do poder e a classificação social sustentam o paradigma que:

[...] desse universo intersubjectivo, foi elaborado e formalizado um modo de produzir conhecimento que dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo: a medição, a externalização (ou objectivação) do cognoscível em relação ao conhecedor, para o controle das relações dos indivíduos com a natureza e entre aquelas em relação a esta, em especial a propriedade dos recursos de produção. (QUIJANO, 2009, p. 74).

Assim, é compreensível que o eurocentrismo traz uma perspectiva cognitiva europeia com um conjunto de ideias homogêneas que dividia a humanidade em polos opostos; essa divisão justifica o controle sobre o trabalho, os recursos de produção, o produto e também sobre o conhecimento.

Diante deste cenário, a literatura colonial moçambicana está ligada a um contexto de dominação e se faz ressoar nas obras do período, visto que as representações têm a ver com

a forma de estar no mundo. Noa (2015, p. 26) cita que nesse período existia “uma literatura onde se encontram presentes os diferentes códigos (compositivo, semântico-pragmático, estilístico) que condicionam a sua literariedade e a sua polifuncionalidade”, compreende-se, portanto, que esses elementos corroboram para a legitimação e para a discussão sobre a releitura do período através do espaço literário.

A evolução da literatura moçambicana, como já foi retratada neste estudo em três fases, conduz à compreensão de que a literatura colonial conta a reação do homem branco perante o meio ambiente do negro. Inicialmente, com a fase exótica, é visível uma produção de viagens e exploração com reações do escritor em vista às terras e às pessoas diferentes.

A busca pelo novo e pelo desconhecido, associado à imagem do homem branco, desbravador, detentor do conhecimento e das ferramentas de legitimação dominante, faz surgir produções artísticas e literárias que alimentam o imaginário popular com histórias que se recusam a conhecer o outro como par, na verdade, o outro é o objeto de estudo e por ser visto como diferente, inferior, primitivo e irracional, pode ser um objeto na mão do superior, do civilizado e do racional.

Em Moçambique, o estado colonial impõe uma política educacional de língua portuguesa e de assimilação, Paulina Chiziane toma as raízes como um lugar de força e julga essa política como uma forma de remover as raízes do seu povo para que a sua força também fosse retirada, assim, retira-se o indivíduo de si mesmo e transforma-o em outro. Essa fala está disponível na plataforma Youtube, no canal SZ News. Em seu discurso, a autora se posiciona de forma incisiva sobre as imposições coloniais e as sequelas deixadas pelo colonialismo.

Desta forma, o pensamento colonial passa pelos séculos e chega a atualidade com sutis mudanças, mas com os mesmos objetivos de exploração dos povos pelo capitalismo, transformando o homem em objeto, mercadoria, moeda.

### **3.3 O romance e o capitalismo**

Como visto anteriormente, o romance rompe com os gêneros clássicos para expor a fidelidade às experiências individuais da humanidade, aproximando o homem e a sua realidade. Watt (2010, p. 37) afirma que “O realismo formal do romance envolveu uma ampla ruptura com a tradição literária vigente”.

Enquanto nas epopeias havia um herói que pensava no conjunto e não existia um conflito pessoal com a realidade; no romance, o herói é solitário e está em uma realidade conflituosa e que mal compreende. O mundo burguês vai elencando demandas de uma realidade

bárbara e repleta de tensões sociais que têm como base as leis e chancelas; esse herói é submetido a esta realidade e busca se encaixar nos moldes burgueses para fazer parte dessa nova sociedade.

O romance é o gênero que dialoga com os leitores, dado que o narrador traz, sob sua visão, os fatos do cotidiano e, através da obra, aproxima o interlocutor das histórias com características já citadas neste estudo. Tanto os elementos observados nos livros teóricos, como as muitas pesquisas que buscam entender melhor o romance e as inúmeras obras produzidas ao longo de séculos, conduzem a refletir como as pessoas que não faziam parte da aristocracia e da burguesia conseguiram passar por essa ascensão e pelo fortalecimento do capitalismo.

Assim como a literatura, mesmo que de forma ficcional, reflete o cotidiano das sociedades, o romance também trará, dentro das suas produções, as marcas de épocas e de grupos, e as mensagens que queriam deixar para os seus leitores. Juntamente com o capitalismo vem o discurso do poder, que, por sua vez, é carregado do discurso de raça, trazendo a exploração e a escravidão. Para Mbembe (2014), o conceito de raça gera grandes tormentos e medos, traz a perversidade dos ditos superiores para justificar o domínio: “[...] a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimento e, eventualmente, de catástrofes”. (MBEMBE, 2014, p. 25).

A partir do discurso da evolução do poder, o colonialismo e a colonialidade dão suporte para o capitalismo, dando assim o nome de modernidade (QUIJANO, 2009). Desta forma, o conhecimento eurocêntrico é pautado nas relações históricas da colonialidade, apresentando assim a dialética do dominante e do dominado, dos superiores e dos inferiores, dos selvagens e dos civilizados, da tradição e da modernidade.

O romance tem como alicerce a tradição europeia, ele surge com o capitalismo e ganha força com a ascensão da imprensa. Através dos folhetins nos jornais, as pessoas, que eram letradas, tinham acesso aos romances, apesar de que o custo para adquirir os livros fosse reservado a uma minoria que detinha poder econômico elevado.

Ainda, Watt (2010, p. 56) diz: “Sem dúvida os livreiros tinham grande poder de influência sobre os autores e público; assim, cabe examinar se esse poder se relacionou de algum modo com o surgimento do romance”, então, compreende-se que a publicação se tornou um processo rentável e a literatura se tornou uma mercadoria. Assim, os objetivos dos escritores passam a ser agradar a nova clientela, mesmo que isso gerasse um desagrado dos mecenas e da elite literária.



O acentuado interesse pela leitura é da burguesia, que agora é dotada da habilidade da leitura, dito isto, o romance se ajusta ao mundo moderno para formar uma nação de leitores. Sobre as publicações do século XVIII para o século XIX é percebido que:

Uma estimativa moderna da publicação média anual de novos livros, exceto panfletos, sugere que o número praticamente se quadruplicou ao longo do século; entre 1666 e 1756 a média anual foi inferior a cem e de 1792 a 1802 saltou para 372. (WATT, 2010, p. 39).

Percebe-se ainda um público leitor restrito, o que mostra que poucos tinham conhecimento das línguas clássicas e acesso ao livro. Mesmo aparentando um crescimento, o romance ainda fazia parte dos privilegiados. Watt (2010, p. 40) continua a dizer que “é provável que nas cidades fosse mais comum o semianalfabetíssimo que analfabetismo completo”, de modo que os pobres não frequentavam as escolas, que, por sua vez, não tinham instrução para a leitura. Outro aspecto importante citado pelo autor é que na maioria dos livros publicados no século XVIII eram religiosos, perpetuando o que já acontecia no século anterior.

A pobreza era outro fator que deve ser considerado quando se pensa na restrição do público leitor da época, o alto custo dos livros limitava esse bem às classes sociais mais providas de recursos financeiros, como as epopeias eram muito mais caras, os romances eram mais acessíveis e chegavam a uma camada significativa da sociedade.

Assim, o gênero romance vai emergindo na sociedade juntamente com o capitalismo, formando um público leitor bem específico. Um gênero que trazia um universo de distração e assuntos do cotidiano com uma fácil leitura, mas que também tinha seus objetivos próprios.

[...] o romance acaba por concentrar em si todas as tensões inerentes à problemática de legitimação. Já vimos que um dos traços definidores da modernidade é ela ser autorreflexiva, tribunal de si próprio, instituído do interior os fundamentos que a fazem existir e demarcar-se de outras épocas. (NOA, 2015, p. 322).

Essas tensões podem ser compreendidas como um processo de transformação que tanto a sociedade quanto o romance passam. Este, cruza a perspectiva de gênero menor e passa a ser visto como um gênero literário por excelência; o gênero que possui uma melhor adequação da asserção do sujeito defronte ao turbilhão social da modernidade.

Assim como o capitalismo, o romance vai se transformando e se adequando às transformações históricas, ambos seguem deixando suas marcas na sociedade. Chega-se,

portanto, ao ponto de se concluir que a produção de romances e publicação deles, através da imprensa, é uma mercadoria e que o seu comércio visa o lucro.

A formalização do modo de produção do conhecimento e também das produções literárias passa a atender as necessidades cognitivas do capitalismo, e isso é o que Quijano apresenta como modo eurocêntrico de produzir saber, ou seja, é uma relação de poder do conhecimento que levará ao controle dos recursos de produção e fortalecerá as relações históricas da colonialidade. O autor ainda cita que: “Dominado racional, foi imposto e admitido no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da modernidade.” (QUIJANO, 2009, p. 74).

Assim, o romance vai se edificando e construindo um espaço onde a prosa burguesa torna-se o centro das ações humanas, e o conflito gerado pelas relações sociais de diferentes classes torna-se pano de fundo para essas produções literárias. Existe uma degradação social que é manifestada na prosa romântica a partir da escolha de temáticas que envolvem o sistema social capitalista com a construção de uma imagem simbólica que cristaliza o mundo exterior.

O gênero romance ergue a bandeira da vida moderna e busca figurar, por meio de abundantes formas, os elementos da nova vida social e do poder dominante. Assim, a literatura vai se aproximando da nova forma de poder social (capitalismo) e vai construindo grandes narrativas que envolvem a complexidade humana de pessoas comuns e de seu cotidiano.

## 4 PAULINA CHIZIANE E SUA OBRA

Como uma mulher que rejeita insígnias como romancista e feminista, Paulina Chiziane, primeira escritora moçambicana a publicar um romance e reconhecida internacionalmente, traz em suas obras a vivência moçambicana e a tradição africana. Uma escritora que se diz contadora de histórias e não quer se pôr dentro das fronteiras que a crítica literária determina, assim, ela se reveste da liberdade de contar histórias sem estar presa às regras estabelecidas.

Nesta pesquisa, estão dispostos alguns pontos relevantes das três primeiras obras publicadas da autora, no entanto as outras obras por ela publicadas alcançam grande repercussão no universo literário de língua portuguesa. Assim como as produções de Chiziane vão se transformando, a autora também vai passando por transformações e alguns títulos vão ganhando espaço com formatos diferentes das primeiras publicações.

### 4.1 Quem é Paulina Chiziane

Paulina Chiziane viveu em Manjacaze, província ao sul de Moçambique, na região de Gaza, ao ouvir histórias ao redor das fogueiras na sua língua chope, Paulina foi construindo sua liberdade de contar histórias. Aprendeu a língua portuguesa na escola de uma missão católica e não chegou a concluir o estudo de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane. Com participação ativa no cenário político de Moçambique, Chiziane participou da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), na qual fez militância na juventude. Com desilusões na política, Paulina se dedicou à sua atividade literária com contos publicados na imprensa moçambicana.

*Balada de amor ao vento* é o seu primeiro livro e foi publicado em 1990. Depois publicou *Ventos do apocalipse* (1993), *O Sétimo Juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008), *As andorinhas* (2009), *Na mão de Deus* (2013), *Por quem vibram os tambores do além* (2013), *Ngoma Yethu* (2015), *O canto dos escravizados* (2017) e a mais recente obra: *A voz do cárcere* (2021).

Antes do lançamento do primeiro livro, Paulina publicou alguns contos na imprensa local, nas revistas Domingo e Tempo, e a partir daí, com uma escrita de poder e de demonstração de como estar no mundo, conquistou seu espaço no mundo das letras.

Depois das três primeiras publicações da autora, alguns títulos vão ganhando espaço com formatos diferentes. Mudanças que podem ser observadas na obra: *As andorinhas* (2009), livro com contos repletos de simbolismos que remetem à história de militância política de Moçambique e de luta e resistência.

Em parceria com a médium Maria do Carmo da Silva, Paulina escreve: *Na mão de Deus* (2013), que tem como tema central a difícil trajetória da protagonista em descobrir a mediunidade e o drama das perturbações físicas e psíquicas, momento em que Paulina passou por transtornos psíquicos e por diversos tratamentos, desde as terapias modernas às tradicionais. Nesse momento, a autora conta na entrevista concedida a TV Sucesso, através da plataforma Youtube, canal TV Sucessomz (2011), com o título: O Paredão com Paulina Chiziane, que em 2011 fora internada numa clínica de psiquiatria, pois estava sem controle sobre si e percebeu que a doença mental carrega consigo estigmas, tabus e crenças que assimilam os problemas psíquicos ao demoníaco.

Outro título publicado pela autora é *Por quem vibram os tambores do além*, publicado em 2013, o qual continua a discussão presente na obra *Na mão de Deus*, sobre outro prisma. Com a presença de variadíssimos rituais, exalta a cultura e a ancestralidade dos povos. Esta obra tem por objetivo responder algumas questões colocadas na sociedade moçambicana que compreende a vida espiritual.

Em 2015, Paulina publica, juntamente com Mariana Martins, *Ngoma Yethu: o curandeiro e o novo testamento*. Obra que denuncia a discriminação vivida pela religião tradicional que não é inferior nem contrária aos ensinamentos do Novo Testamento. Em várias passagens, a narrativa deixa claro que a África nunca esteve nas trevas. A obra não é ficcional, é um diálogo/debate sobre a relação entre o curandeiro e o Novo Testamento.

Já em 2017, Chiziane apresenta a sua veia poética no livro *O canto dos escravizados*, obra que faz ecoar um grito de esperança sobre questões como a escravidão, a diáspora negra, os saberes e projeta os sonhos para o futuro, sendo uma metáfora de retorno para casa, para as raízes. É um diálogo com o passado, com o presente e com o futuro, a fim de se reconhecer e se fortalecer como estratégia de resistência.

Em 2021, Paulina Chiziane e Dionísio Bahule lançam *A Voz do Cárcere*. O livro tem a voz de pessoas reclusas, homens e mulheres, que fizeram declarações pungentes à obra, trazendo questões relacionadas à justiça, às crianças que crescem sem ter quem cuide delas, é uma junção de literatura com sociologia, antropologia e pedagogia.

Além dessas obras, há ainda *O alegre canto da perdiz*, publicado em 2008, e reconhecido também como um romance que retrata as mazelas deixadas pela colonização em

Moçambique. A obra traz a saga de duas mulheres (mãe e filha) que juntas retratam a origem dos povos, da história da África e de sua terra, Zambézia; reconta lendas do matriarcado e recupera o papel da mulher na criação humana.

Uma obra que ganhou grande destaque foi *Niketche: uma história de poligamia*, publicada em 2002 pela editora Caminho em Portugal, e, no Brasil, foi editada pela Companhia das Letras. A produção gira em torno dos conflitos entre Rami e Toni no casamento. As tensões entre a monogamia e a poligamia circundam a trama. Esta obra rendeu o Prêmio José Craveirinha<sup>7</sup> de Literatura em 2003.

Paulina Chiziane recebeu vários prêmios por sua produção. O mais recente prêmio conquistado pela autora foi o Prêmio Camões de Literatura<sup>8</sup> de 2021. A comissão do Prêmio destaca o grande alcance que a obra de Paulina alcançou no mundo acadêmico, enfatizando o quanto o seu trabalho constrói pontes entre as artes. Além desse prêmio, em 2013, o então Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva, condecorou-a com o grau de Grande Oficial da Ordem Infante D. Henrique,<sup>9</sup> como reconhecimento do mérito e da obra que enriquece e divulga a cultura moçambicana.

A obra de Paulina Chiziane cruzou os oceanos com uma escrita repleta de reflexões e narrativas que enche os olhos dos seus leitores; narrativas pautadas na oralidade e na tradição africana. Histórias contadas ao redor da fogueira com a tecitura da tradição oral e com a preservação cultural. Um valor primordial citado pela autora em inúmeras entrevistas, nas orelhas e na contracapa dos seus livros, sempre tem a colocação de que não é romancista, mas, contadora de histórias; ela busca honrar a tradição da historicidade oral. Na orelha da capa do seu livro *Ventos do Apocalipse* se apresenta assim:

Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (*Balada de Amor ao Vento*, 1990), mas eu afirmo: sou contadora de estórias e não romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me os contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte. Nasci em 1955 em Manjacaze. Frequentei estudos superiores que não concluí. Atualmente vivo e trabalho na Zambézia. (CHIZIANE, 1999, orelha da capa do livro).

Ao adentrar nas obras de Paulina Chiziane é possível perceber a presença marcante das personagens femininas e emblemáticas, mulheres fortes e marcadas por suas tradições, seus

---

<sup>7</sup> Instituído pela (AEMO) Associação dos Escritores Moçambicanos que visa prestigiar escritores moçambicanos.

<sup>8</sup> Em 1988, o Prêmio Camões de Literatura foi instituído para consagrar um autor de língua portuguesa que a partir da sua obra o enriquecimento do patrimônio literário e cultural acontece.

<sup>9</sup> Destinado a quem presta serviços relevantes a Portugal, assim como, para aqueles que promovem a cultura portuguesa.

saberes e sua cultura. É um entrelaçado de moderno e tradicional, o individual e o coletivo que proporciona uma sedução e um grande interesse aos textos escritos.

Com grande destaque internacional, as produções de Chiziane vêm sendo cada vez mais estudadas por pesquisadores e apreciadas por seus discursos comprometidos com a cultura do seu país e com a valorização da mulher na sociedade. Os enredos trazem a verossimilhança da dureza das guerras e do colonialismo, porém é atenuada pela poesia da oralidade. Ana Mafalda Leite (2012, p. 215) explica que, assim com outros autores moçambicanos, Chiziane tenta “[...] recuperar as formas tradicionais da arte de contar, recorrendo ao uso dos provérbios, às imagens muito concretas da natureza, aos exemplos da interação entre o mundo natural e o humano”. Assim, a autora aborda questões que proporcionam aos leitores reflexões e a percepção de saberes e conhecimentos que se sobrepõem à visão eurocêntrica.

Ao fazer uma pesquisa simples com o nome “Paulina Chiziane” na página da internet da BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - (<https://bdt.d.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=%22paulina+chiziane%22&type=AllFields&limit=20&sort=relevance>) no dia 31 de dezembro de 2021 foram encontrados 60 trabalhos disponíveis para pesquisa, ou seja, para a academia, a produção de Paulina Chiziane tem uma relevância significativa. Através dessa simples observação é possível perceber a importância de Paulina na produção literária.

Ao acessar alguns sites de notícias de Moçambique, percebe-se também que a autora tem relevância para seu povo. No jornal *O País*, disponível no link (<https://www.opais.co.mz/>), ao explorar a caixa de pesquisa com o nome “Chiziane”, pode-se observar inúmeras notícias, reportagens, artigos de opinião que envolvem a escritora. Textos datados em 11 de julho de 2017, com o título: *O canto da liberdade em Paulina Chiziane*, até notícias mais recentes, como por exemplo a matéria: *Suzy Bila*, dialoga com a obra de Paulina Chiziane na Itália.

Outro jornal moçambicano disponível na internet é o *Notícias Online*, disponível através do link (<https://www.jornalnoticias.co.mz/>); ao realizar o processo de pesquisa na página, no dia 31 de dezembro de 2021, foi possível encontrar ao menos 14 textos para a pesquisa com o nome “Chiziane”. Sendo assim, tal verificação realizada nestes dois veículos de comunicação de Moçambique demonstra que existe uma dedicação das suas matérias e dos textos à autora. Isso conduz a percepção do grau de importância de Paulina para o seu país.

## 4.2 As três primeiras obras publicadas de Paulina Chiziane

As três primeiras obras de Paulina Chiziane trazem motes diferentes, mas é possível perceber elementos comuns. Nas três, observa-se o papel da mulher que é vista como forte e detentora do saber tradicional. Sarnau, Minosse e Vera recorrem aos ancestrais e têm em si a marca dos saberes tradicionais. Outra questão comum às narrativas é a presença do colonialismo, sistema que se apresenta de forma sutil, mas consistente. Outro ponto também presente é que os muitos personagens se entrelaçam em construções de narrações curtas. Noa apresenta:

Tal como os universos de que fazem parte, estas personagens são ficções, construções semionarrativas, entidades que, portanto, se individualizam pelas ações realizadas e pelos discursos que produzem ou que sobre elas são produzidas. Contudo, é através da rede de relações que entre si estabelecem, direta ou indiretamente, que elas adquirem consistência física, psicológica e sociocultural”. (NOA, 2015, p. 261).

Essa prática de narrativas curtas encaixadas estreita o caminho com a oralidade dentro das práticas narrativas, recurso utilizado pela autora para aproximar a sua produção literária aos costumes trazidos por ela.

### 4.2.1 Balada de amor ao vento

A obra *Balada de amor ao vento* é uma prosa capaz de encantar e de seduzir leitores. É uma narrativa marcada pela oralidade, que pode logo ser percebida pela narradora-protagonista. Caracterizada pelas circunstâncias da literatura oral, em alguns capítulos, há o narrador heterodigético<sup>10</sup> que narra suas vivências e atenua os sofrimentos do período da guerra.

Narrador, personagens, tempo, espaço, conflitos, todos esses elementos são possíveis de visualizar em *Balada de amor ao vento*. Dentro do conceito ocidental, é perceptível dizer que a obra é um romance, já que é um gênero com características bem diversas. Com muitos personagens e cada um com o seu valor para compor a trama, a protagonista é trazida como Sarnau, grande metáfora da natureza e da tradição, mulher forte e decidida, apaixonada por Mwando, metaforizando a cultura do colonizador e os assimilados, a rainha de Mambone

---

<sup>10</sup> O narrador-heterodiegético narra a história de outra pessoa e não participa no enredo como personagem. Eles estão ausentes na narrativa.

(primeira esposa do rei Nguila) com a representatividade da ancestralidade passada através da oralidade, dentre outras personagens.

O período colonial, a independência e a pós-independência marcam o tempo em que a história decorre, dentro do espaço onde a terra reside no rio Sawe, trazendo, mais uma vez, a feminilidade como marca da obra; a terra traz a fertilidade e a força do feminino; o rio, por sua vez, abraça a terra e ambos se complementam.

O conflito se passa entre a tradição e o contemporâneo, entre os rituais ancestrais e o cristianismo colonial, entre a poligamia e a monogamia e salienta sobre o papel da mulher na construção de uma identidade moçambicana.

Logo no início da obra, a narradora, Sarnau, traz o questionamento se é uma história interessante. A quem interessa saber os costumes, as tradições, a linguagem, as expressões, os sentimentos, os posicionamentos de um povo ou mais especificamente de uma mulher?

São tantos pontos que merecem a atenção do leitor, como não se envolver em uma narrativa que está repleta de questões que não são apenas africanas, mas são questões humanas. Essa obra ganha um grande destaque mundial não por ser um romance de panfletagem feminista, como muitos pensam, mas porque é possível perceber que a colonização trouxe sérias sequelas para a humanidade e o quanto o colonizador se apropriou dos recursos locais e fez questão de tentar apagar as tradições, tendo como base o discurso que aquela gente teria que ser salva.

Na narrativa, é possível perceber, logo no início, uma marca da colonialidade presente na trama: o cristianismo dividindo espaço com a tradição: “Aposto que estavas a olhar para o ranhoso filho de Rungo. Como se chama? Ah, Mwando. Pois digo-te, menina, estás a perder tempo, aquele está a estudar para ser padre”. (CHIZIANE, 2003, p. 3).

Em outro momento da narrativa, Mwando deixa sua paixão por Sarnau de lado para obedecer ao cristianismo: “Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado, nunca serás a minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia”. (CHIZIANE, 2003, p. 13).

Dentre tantas marcas da colonialidade presente no texto, é totalmente perceptível a resistência à imposição da cultura europeia que conceitua, segmenta, classifica; assim, tudo que não está dentro do padrão pré-determinado é ilegítimo.

Desta forma, a autora apresenta, na sua ficção, um cenário marcado pelo poder colonial que se apresenta como uma dicotomia entre dominante e dominado, entre o cristianismo e o tradicionalismo, colocando em evidência as sequelas desse sistema na sociedade cativa.



#### 4.2.2 Ventos do apocalipse

A obra *Ventos do apocalipse* é uma narrativa ficcional que traz um cenário de guerra nas terras de Mananga e Macuácuá, duas regiões que sofrem muita violência e fome, por consequência, morte, mas trazem esperança e luta por dias melhores, dias de dignidade e paz.

Uma roda de narrativas orais, três histórias contadas com trechos que remetem à fome, à guerra, à miséria, à seca, à ambição, à destruição da família, com raros momentos felizes. Todos esses elementos estão presentes no decorrer da história contada no livro. É uma espécie de predição que a autora presenteia o seu leitor.

A narrativa é estruturada em um prólogo e duas sequências de capítulos. Com o prólogo: “*Vinde todos e ouvi*” (CHIZIANE, 1999, p.13), a narradora já traz traços da oralidade tradicional com a intenção de contar uma história. Na primeira parte, o provérbio: “*Maxwela ku hanya! U ta sala u psi vona. (Nasceste tarde! Verá o que eu não vi.)*”, apresenta uma inferência associada às narrativas curtas contadas no início do livro. São onze capítulos que trazem para o leitor a realidade de uma comunidade assolada pela seca e pela fome. Também deixam transparecer a presença do colonizador a arregimentar nativos para assimilar-se ao colonizador.

Já na segunda parte, no provérbio: *A siku ni siko li ni lona* (Cada dia tem a sua história), são apresentados os horrores vividos no êxodo em busca de um lugar melhor para viver e a cada momento é contado um momento difícil da caminhada de vinte e um dias em busca da Aldeia do Monte.

Usando contos e provérbios, a narração vai conduzindo o leitor às memórias da guerra civil, apresentando toda a crueldade, dificuldade e dureza daquele momento. Nessa obra, é utilizado o recurso de encaixar pequenas histórias que juntas conduzem o leitor para o universo da oralidade.

No início do livro, alguns personagens aparecem: Sianga, o régulo; Minosse, a nona esposa de Sianga, além dos seus descendentes e algumas pessoas da comunidade. A narrativa apresenta um tempo difícil de seca, fome, desentendimentos e planos de ludibriar o povo para que o régulo consiga comida. É tempo de guerra civil, de opressão bélica sobre os povos de Manjacaze, região de Gaza e de luta desigual pela sobrevivência.

Na terra de Mananga, os primeiros onze capítulos se sucedem, conflitos, interesses pessoais, complôs e cerimônias, tudo nessa terra árida até que a invasão acontece e muitos morrem. Na luta pela sobrevivência, o povo de Mananga abandona sua terra e seus defuntos para buscar a Aldeia do Monte para tentar sobreviver. Caminhada de três semanas sob sol

escaldante, frio noturno, fome, sede e os perigos da savana, parte do grupo morre durante o percurso, mas outra parte do grupo consegue chegar.

Como entender o conflito que é apresentado na obra? Inicialmente, o leitor é conduzido a entender que os planos de Sianga podem ter levado à condição em que o povo de Mananga estava. Mas como um estalar de dedos é compreendido que o grande conflito apresentado pela autora é a colonização. É pela colonização que os problemas aparecem e se intensificam. Um capítulo bem curto apresenta com muita clareza como o colonizador se coloca na região com suas certezas absolutas que geram guerras, opressões e escravidão:

No passado, os grandes homens da Europa em sessões magnas, festins e banho de champanhe dividiram o continente negro em grandes e boas fatias, escravizaram, torturaram, massacraram e deportaram as almas desta terra. Hoje, gente oriunda das antigas potências colonizadoras diz que dá a sua mão desinteressada para ajudar os que sofrem. É preciso acreditar na mudança dos homens, eles sabem disso, mas a sabedoria popular ensina que filho de peixe é peixe e filho de cobra cobra é. Todo mundo sabe que neste mundo cruel, ninguém dá nada em troca de nada. (CHIZIANE, 1999, p. 230).

Em outros momentos da narrativa, é possível perceber elementos da colonização de forma bem marcante e quando o leitor é levado a pensar que finalmente aquele povo consegue viver a dignidade que qualquer ser humano tem o direito de viver, novamente a guerra chega ao local em que achavam que conseguiriam viver. Com uma cena clara de mistura de culturas na qual é apresentado o culto aos defuntos e depois uma missa, a guerra ressurge:

De todos os lados surgem homens trajados de verde camuflado, de armas em punho ostentando nos rostos o sorriso da morte. Ouve-se um violento estrondo acompanhado de uma saraivada de balas que se abatem sobre as cabeças que dispersam procurando abrigo. (CHIZIANE, 1999, p. 266).

#### 4.2.3 O Sétimo juramento

Obra marcada pelas tradições, nela o rito de iniciação<sup>11</sup> é apresentado juntamente com a dualidade das personagens que transitam entre a tradição e o colonialismo imposto para uma aceitação no mundo moderno. David, o protagonista, almeja consolidar o poder e a estabilidade econômica e recorre aos feitiços. Apesar de David protagonizar o enredo, mais uma vez, a obra traz figuras femininas fortes que se ligam às tradições e exercem papel

---

<sup>11</sup> É um tipo de cerimônia de transição que introduz os membros de uma sociedade a um afazer ou a ter uma responsabilidade dentro do grupo a que pertence.

fundamental na trama, não diferente das obras anteriores. Memória, magia e qual preço tem o poder?

A temporalidade da obra é a guerra, David, como protagonista, é cercado de personagens femininas que representam a sociedade de Moçambique pós-independência. O território da obra ultrapassa os limites físicos, adentrando a um espaço místico, espiritual e imaterial.

Vale ressaltar as questões culturais que são colocadas nesta obra. Questões como o patriarcado, a ancestralidade e o lobolo<sup>12</sup> são aplicadas para que o leitor consiga perceber que há diferenças e semelhanças entre as diversas culturas.

Em uma narrativa com muitas metáforas do espaço e do sobrenatural, esses elementos compõem uma trama com tradições da região e com tabus para o cristianismo, como a feitiçaria e os encantamentos.

Ao contrário da Europa, aqui, os templos e os objectos do culto é que conheceram a fogueira, enquanto as bruxas eram presas, humilhadas e maltratadas. Pelo visto, o esforço não vingou, pelo contrário, estimulou a tal ponto que doutores e intelectuais da nova geração sentem a liberdade de se intitularem bruxos, profetas e dominadores do invisível. (CHIZIANE, 2008, p. 46).

É mostrada para o leitor a perspectiva de uma nova realidade, mesmo marcada fortemente pela guerra e pela independência, da imposição da cultura colonial; o culto aos ancestrais e a religião tradicional prevalecem mesmo que às escondidas:

Como militante do mundo novo, ordenara incêndios de nunca acabar, queimando ndombas, mutundos, magonas e lugares de culto, para libertar a terra dos adoradores das trevas. Mergulha num remorso sem fim. Pensa em si. Que seria da minha vida agora, se os adivinhos e curandeiros tivessem desaparecido da superfície da terra? (CHIZIANE, 2008, p. 80-81).

Assim, sob essa nova realidade, o leitor do ocidente deve ter olhos bem atentos para observar que o ambiente da narrativa é místico, por vezes sobrenatural, mas profundo e carregado de ensinamentos, apresenta caminhos para a felicidade<sup>13</sup>, que é posta para o leitor

<sup>12</sup> Cerimônia tradicional que consagra o casamento.

<sup>13</sup> Felicidade é fazer tudo o que te dá gana. É enfrentar a vida com punhos de ferro sem te cansares nunca. Queres ser feliz? Beba, dance, enlouqueça, mas não enfraqueça. Encarna espíritos de grande poder: Faraó, Salomão, Shaka, inspira-te neles e voa. Protege o corpo com armaduras de chumbo. Mergulha dentro da alma e varre o lixo que te entristece. Sê de novo um feto e goze o prazer de flutuar no ventre materno. Lava o rosto com vinagre e piripiri. Desperta. Projecta-te durante o sono. Viaja. Sê egoísta de vez em quando. Não partilhe caminhos, nem ideias, nem planos. Liberta-se e voa com os pássaros. (CHIZIANE, 2008, p. 80).

com uma sequência de conselhos e ações, e para mantê-la; a importância do nome e porque mantê-lo, obedecer às regras e as consequências de quebrá-las.

A ligação direta entre homem e natureza é vista plenamente e reforça o quanto os saberes tradicionais são deixados à parte para que a ciência e a razão prevaleçam. Na cosmovisão africana, homem e natureza se relacionam. Segundo Domingos (2020, p. 31), “Essa relação é caracterizada pela indissociabilidade da interdependência entre um e outro”, ou seja, a relação tem reciprocidade, o homem recebe da terra e por ela deve devolver.

Nas três obras observadas nesta pesquisa é perceptível, com muita força, a simbologia presente nas narrativas, elemento que deve ser ainda apreciado para oferecer melhor validação no que tange à hipótese levantada. A existência da relação entre natureza, homem, religião, cultura e costumes é proporcionada ao leitor através de um mergulho nas histórias do homem moderno. Nessas obras, a autora mistura o real e o ficcional para apresentar histórias por ela conhecidas. Para muitos um romance, e para a autora histórias contadas ao redor da fogueira, passada de geração para geração na certeza de que cada um que passa essas histórias traz a sua ancestralidade e a perpetuação da sua cultura e não da cultura imposta pelo colonizador.

### **4.3 Entrevistas com Paulina Chiziane**

Paulina Chiziane concedeu muitas entrevistas e participou de vários eventos que podem ser apreciados pelos canais disponíveis na rede de computadores - internet. Na maioria desses materiais disponibilizados, há sempre a pergunta que envolve esse estudo, e a autora, repetidamente, apresenta o seu posicionamento convidando o espectador a refletir. Conta sobre o que viveu, quem ela é, e o que fez para chegar ao ponto de contar histórias tão interessantes e sedutoras. Apresentam-se aqui duas entrevistas concedidas pela autora a serem apreciadas, a fim de compreender seu posicionamento diante da questão de ser romancista ou contadora de histórias.

Em entrevista ao canal VRÁ, postado em 29 de novembro de 2017, logo no início da entrevista, a autora fala sobre ser romancista e contadora de histórias.

A jornalista Luana Assiz pergunta:

*“Você se define como contadora de histórias né, e não como romancista e de fato quando a gente lê um livro seu tem a sensação de estar ouvindo uma história sendo contada de forma muito natural, muito fluida e simples né, com a linguagem que a*

*gente fica ali naquela expectativa a cada linha, a cada página. Essa expressão que você usa pra se colocar, digamos de contadora de histórias, é também uma forma de se livrar e, e, e afastar qualquer tipo de patrulhamento de regras ou coisas do tipo literárias?”. (CHIZIANE, 2017, n.p.).*

E Paulina Responde:

*“Eu sou africana, venho de uma sociedade de tradição oral que tem as suas técnicas à volta da fogueira, as coisas passam mesmo assim, portanto, há uma pessoa que fala de uma forma muito informal, conta histórias, usa as palavras mais simples e transmite uma grande mensagem. Portanto, essa é a tradição africana que tenho comigo. E, o romance faz parte da tradição europeia, faz parte da academia, então, eu como autora, eu sou originária de duas tradições, agora, se eu digo que sou romancista estou a adentrar fora da minha tradição africana, e se eu digo se sou apenas contadora de histórias eu também estou a adentrar fora, o outro lado da tradição que eu aprendi a partir desse caminho, portanto, há este aspecto..., por outro lado o romance, definitivamente, é tradição europeia, tem seus guardas e seus polícias e então, estão toda hora a espera de dizer: é um bom romancista ou mal romancista, e se eu digo sim, sou romancista, imediatamente caem em cima porque o romance não é assim, tem que ser desta ou daquela maneira, eu não estou pra isso.” (CHIZIANE, 2017, n.p.).*

É possível, então, constatar o incômodo que a autora passa em ter que se encaixar em um formato, um padrão, uma norma, um título; desta forma, ela transita entre o romance e a contação de histórias, dado que, na tradição eurocêntrica, tudo tem que estar dentro de um conceito ou de uma definição.

No livro *Cânones e Perspectivas Literárias em Moçambique*, publicado no início de 2021 pela Editora UFPB, a escritora Vanessa Riambau Pinheiro (2021, p. 118) faz a seguinte pergunta: *“Na sua literatura, você se intitula uma contadora de histórias. De onde surgem tantas histórias a serem contadas?”*, e Chiziane responde:

*“O que eu posso dizer, eu digo a todo mundo, é que nosso país é virgem: em cada canto há uma história por contar. Confesso que nunca procurei um tema, nunca; os temas sempre vieram ter. Mesmo estando sentada num café, dando uma volta pela estrada, caminhando pelo campo, há sempre histórias das mais incríveis, que ainda não foram escritas e que precisam ser escritas, reescritas. Se eu pudesse, teria seis mãos e duas cabeças, talvez, poderia produzir muito mais. Só o imaginário de cada um dos nossos diferentes povos e etnias, tem tanta coisa bonita. Eu gosto muito de histórias. E fujo muito aos compartimentos e aos rótulos que foram criados pelos cânones, porque às vezes fico com medo de aprender a me entregar. Se eu digo: “sou romancista”, então todos vão dizer: “pois a partir de agora, Paulina, um romance se faz de forma a, b, c, 4 ovos, 2 chávenas de farinha.” E eu digo: “Não! Eu não quero vossa autoridade. Deixe a minha liberdade.” Então, fui trabalhando assim até hoje. Fujo aos rótulos.”*

Observar as coisas simples e possibilitar ensinamentos diários através de histórias contadas, é isso que se pode observar com a resposta de Chiziane. Com um olhar observador, a

autora transparece que muitas histórias não de ser contadas, que a pluralidade de temas e assuntos está no cotidiano. Ao ver uma situação corriqueira, os espectadores são convidados a refletir, ou seja, olhar para si e buscar compreensão para situações que são postas pelo dia a dia ou que se apresentam na sociedade.

Outro ponto muito interessante nesta resposta da autora é perceber esse posicionamento para compreender a fuga do título de romancista. Isso ocorre não apenas para fugir de rótulos, mas ao perceber o perfil de engajamento político que a autora teve, durante a juventude, contra o poder da colonização presente na sociedade em que vivera, deixando transparecer que a negativa se justifica pela luta em preservar sua cultura e sua tradição e não se render às pompas estabelecidas pelo eurocentrismo.

E como entender a Chiziane como uma contadora de histórias dentro de uma perspectiva que valoriza a palavra escrita e não a palavra falada? No ocidente, ao ouvir: contador de histórias, imagina-se logo um local destinado para esse evento, em uma escola (educação infantil e fundamental), praça, shopping, um evento cultural. Mas, ao que se percebe, não é essa perspectiva que Paulina quer passar para os seus leitores.

Chiziane traz a liberdade de falar nas suas obras, traz a naturalidade da oralidade, e claramente é percebido através da escrita e do discurso da autora que a escrita e a oralidade se relacionam e não competem entre si. Cada uma deve ter o seu espaço e a sua valorização. Os romances que descendem das sociedades escritas já têm o seu espaço no patamar da aceitação da crítica literária. As obras que trazem fortemente as marcas da oralidade devem ficar em um patamar de destaque, dada a importância que esse saber possui.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada um recorda o seu próprio percurso. As pedras do caminho. Percursos alegres, tristes, desesperados, espinhosos. E começam a pensar na louca do rio com brandura. (CHIZIANE, 2018, p. 21).

Chiziane é uma escritora que conquistou seu lugar de destaque na literatura, e no âmbito dos estudos literários não é diferente. Conhecer as obras de Paulina possibilitou um despertar para questões pertinentes ao cenário brasileiro e mundial porque elas trazem pontos comuns entre Brasil e Moçambique e outros países. Pontos como: o processo de colonização, a condição de ser civilizado pelo colono europeu, a desvalorização dos saberes dos povos primitivos, enfim, o processo de desconstrução e de desenraizamento da cultura como meio de desumanização e justificativa para a escravidão.

A oralidade é um ponto de destaque entre as culturas do Brasil e de Moçambique e quando se adentrou nos estudos sobre a oralidade na África, foi possível perceber o quanto essa expressão humana se faz presente na cultura moçambicana. Para alguns estudiosos da época da colonização, a África era um continente que não dominava a escrita e por isso detinham apenas a oralidade, no entanto, percebeu-se através das pesquisas realizadas que a oralidade não é uma ausência de saber, falta de habilidade ou ausência de ciência, é, na verdade, uma atitude frente à realidade.

A tradição oral engloba a literatura, a filosofia, a sociologia, a história, a geografia, enfim, ela integra os diversos saberes, pois é a partir da palavra que se transmite a visão do mundo que, por sua vez, sustenta a expressão cultural de uma sociedade.

Com o objetivo de romper com o pensamento europeu, que carrega consigo uma missão cultural e moral impulsionada por motivos econômicos, Paulina Chiziane traz nas suas três primeiras obras publicadas o panorama do colonialismo, um processo histórico que estabeleceu colônias e usou o recurso da escravidão como justificativa para “salvar” um povo, dito por eles, que é incapaz de se comandar, que não tem saber e nem moral.

Diante dessa perspectiva, foram incluídos novos discursos para construir um projeto ideológico de “regenerar” ou civilizar os espaços africanos, metamorfosear as ideologias através de uma ideologia imperialista que domina, com a tentativa de infiltrar expressões sociais como a cultura e a religiosidade. Banalizam-se os costumes para diminuí-los ou torná-los sem valor. A partir daí se compreende que essa forma de minar os costumes e as tradições locais parte da justificativa de raça, esse conceito é severamente criticado e refutado por diversos

estudiosos, pois a visão dominante, repetidamente, constrói o pensamento de humanizar um povo passivo de dominação.

Conquanto, é entendido que a colonialidade tem como ponto central da sua narrativa a Europa como detentora do saber e do conhecimento e que, com os seus costumes, é capaz de “salvar” os que não coadunam com essa civilidade.

Como um sistema, o colonialismo deixa o povo colonizado à mercê de situações como: valorizar suas raízes ou sobreviver; dominar diversos povos justificados na economia, na autoridade no controle do gênero e da sociedade e do conhecimento e da subjetividade.

Toda essa estrutura se reflete na literatura de Moçambique. O reflexo é observado a partir de obras que discutem com a realidade do período através do espaço literário; nomeada como período exótico a busca por temas que expressam a relação do homem branco perante o espaço negro. O branco é sempre o desbravador, forte e que é capaz de salvar ou civilizar aqueles que encontra em seu caminho. Como uma forma de recusa com o par ou com o outro é que se torna objeto e deve ser visto como diferente ou inferior.

Ao adentrar no âmbito da literatura, constatou-se que o gênero romance deriva das epopeias clássicas e atende a uma parcela da sociedade que emerge no século XVIII. Inicialmente considerado como um gênero plebeu, o romance vai elaborando características diferentes das epopeias. Deixa as narrativas que envolvem o coletivo e os ensinamentos morais para figurar personagens com suas experiências individuais.

Mais do que essas características, para aqueles que se destinam a estudar e definir um conceito, a prosa romanesca é difícil de ser enquadrada dentro de um formato ou ser definida por ser um gênero escorregadio e com diversos formatos, porém, com a reflexão acerca da produção de alguns autores que se detiveram a compreender essa nova manifestação literária, chega-se à conclusão que o gênero romance surge juntamente com o período colonial e todos os seus tentáculos de poder e dominação.

Assim, ao entender as sérias marcas deixadas pela colonização, a exploração do povo africano, e as suas perpétuas máculas deixadas na sociedade, é compreensível que receber o título ocidental de romancista traz um desconforto, pois, como alguém que lutou contra o poder colonial pode querer receber um título de quem a usurpou por tantos séculos?

O posicionamento de Paulina Chiziane é uma forma de resistência. Resistir ao colono que ainda vive na cabeça dos que estabelecem os conceitos e dos que leem suas obras. Ela traz sua marca de mulher feminina e forte, que renega aos títulos europeus a ela imputados, mostrando o que há de mais importante dentro da sua cultura: a fala, a oralidade, a



ancestralidade, pois é nessa base que as gerações constroem valores morais e éticos e buscam estabelecer a harmonia entre a natureza e o homem.

É na perspectiva da oralidade que se fundamenta o conceito de que o homem não vive sem a literatura, sem contar histórias, é na oralidade que o espiritual e o material são indissociáveis. A tradição africana tem muito para ensinar a todas as nações, mas nem sempre as sociedades que têm a escrita como principal fonte de saber estão suscetíveis a este aprendizado, já que, por muito tempo, o povo africano foi considerado incapaz de produzir seu próprio conhecimento ou visto como sem cultura. Muitas narrativas foram criadas para justificar a barbaridade da escravidão, é fato que os países colonizadores/exploradores têm uma dívida impagável para com a humanidade.

Em contrapartida, muitos autores que se apresentam nesta pesquisa trazem fortes elementos para argumentar a presença dos saberes, das religiões, da filosofia e dos conhecimentos tradicionais, que não podem ser vislumbrados sob o prisma eurocêntrico. Paulina Chiziane convida seus leitores (principalmente os que não conhecem a cultura africana) a pensar numa dinâmica diferente do que está habituado. Seus textos trazem o universo moçambicano contemporâneo, mas também são ofertados assuntos que remetem ao tradicional. É um panorama marcado pelo sistema colonial que domina e limita, mas que liberta.

A produção de Paulina Chiziane carrega consigo um olhar diferente sobre questões postas na sociedade contemporânea. Esse olhar não se destina a ser uma verdade absoluta, mas um olhar que busca contribuir para o movimento de emancipação do seu país e de valorização da sua cultura ao despertar nas obras contos, nos provérbios, nas crenças, nos mitos, nas lendas.

Paulina não quer receber o título de romancista porque quer ter a liberdade de produzir textos, pois, para ela, as palavras têm almas e são capazes de transformar. Contar histórias é uma forma de cativar os que a escutam (ou a leem), é a liberdade de usar sua própria linguagem e poder inserir os elementos que achar interessante para que sua história seja envolvente.

## REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira De Ciência Política**, [S.l.], v. 11, p. 89–117, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance III. O romance como gênero literário**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BRITO, D. A oralidade incorporada à narrativa contemporânea de Moçambique. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 23, n. 47, p. 103-114, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/19384>. Acesso em: 23 out. 2021.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- CHIZIANE, P. **Balada de amor ao vento**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- CHIZIANE, P. **Tradição oral africana na literatura** [Entrevista concedida a Luana Assiz]. Canal VRÁ, Youtube, 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zRNJTw\\_nzHk](https://www.youtube.com/watch?v=zRNJTw_nzHk). Acesso em: 29 mar. 2021.
- CHIZIANE, P. **O Sétimo Juramento**. 3. ed. Lisboa: Caminho, 2008.
- CHIZIANE, P. **O alegre canto da perdiz**. 3. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- CHIZIANE, P. **Oralidade e ancestralidade**. [Entrevista concedida a Sol das Oliveiras Leão]. Café Filosófico UFRN, TV Universitária - TVU/RN, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX\\_7dDk](https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk). Acesso em: 01 set. 2021.
- CHIZIANE, P. **Tenta!**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- CHIZIANE, P. **Ventos do apocalipse**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1999.
- COUTO, M. Escrita desarrumada. Entrevista a Omar Ribeiro Thomaz e Rita Chaves. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 ago. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs23089817.htm>. Acesso em: 5 dez. 2021.
- DOMINGOS, L. T. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, jan. 2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligião/pub.html>. Acesso em: 21 set. 2019.
- DOMINGOS, L. T. **África e Diásporas: divergências, Diálogos e convergências**. Curitiba: Appris, 2020.
- FANON, F. **Pele Negra máscaras Brancas**. Tradução de Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FREITAS, S. R. F. **A condição feminina em Balada de Amor ao vento, de Paulina Chiziane**. 2012. 171 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto, Universidade Federal da

Paraíba, João Pessoa, PB, 2012. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/832326/a-condi%C3%A7%C3%A3o-feminina-em-balada-de-amor-ao-vento--de>. Acesso em: 8 nov. 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

HAMPATÊ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO (Editor). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

LEITE, A. M. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LEITE, A. M. Modelos críticos e representações da oralidade africana. **Via Atlântica**, [S.l.], v. 8, p. 147-162, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50017>. Acesso em: 5 nov. 2021.

LEITE, A. M. **Oralidades e Escritas**. Lisboa: Colibri, 1998.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 1-9, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502005000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 out. 2021.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

MINDOSO, A. V. **Os assimilados de Moçambique: da situação colonial à experiência socialista**. 2017. 256 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/46471>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde (Portugal): Edições Pedagogo, 2013.

NOA, F. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. São Paulo: Kapulana, 2015.

NOA, F. **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

PINHEIRO, V. R. **Cânones e perspectivas literárias em Moçambique**. João Pessoa: UFPB, 2021. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/434/920/7609-1>. Acesso em: 5 mai. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, R. V. R.; SOUZA, U. R. B. Literatura moçambicana e oralidade: uma postura crítica e uma fundamentação teórica. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 95-117, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p97/9663>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SUCCESSOMZ, Tv. **O paredão com Paulina Chiziane**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b6FgQIFiTh4>. Acesso em: 3 jul. 2021.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, J. (Coord.). **Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

WATT, I. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.